

Junho de 2017

**clonline.org**

«Nunca vimos  
coisa igual!»

(Mc 2,12)

**Tríduo Pascal**

**dos Liceus**

**Rimini, 13-15 de abril de 2017**

© 2017 Fraternidade de Comunhão e Libertação

## Mensagem de saudação, Julián Carrón

15 de abril de 2017

Caríssimos amigos,

penso em cada um de vocês dominado pelo desejo de crescer.

Crescer significa tomar nas vossas mãos as rédeas da vossa própria vida.

Mas isto nem sempre é simples. Às vezes, com efeito, surge-nos a vontade de voltar atrás.

Era mais cómodo, menos trabalhoso, quando eram os outros que tinham de enfrentar os problemas por nós.

E muitas vezes, volta a pergunta: mas eu quero mesmo crescer, ou prefiro continuar a ser uma criança?

Responder ao desejo de crescer exige um amor, uma paixão por si mesmo.

Viver à altura do nosso desejo é uma obrigação.

E é só para os audazes, como vos digo muitas vezes; é para quem quer ser protagonista na primeira pessoa, sem descarregar a sua própria liberdade sobre os outros.

Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que a minha vida pode alcançar.

Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é «uma meta que só é possível para quem leva a vida a sério», sem excluir nada: «Amor, estudo, política, dinheiro, até o alimento e o repouso, sem esquecer nada, nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência».

A razão desta audácia é a inquebrável certeza de Dom Giussani de que «dentro [...] de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino» (*O sentido religioso*).

Que arrepio levantar-se todas as manhãs com a curiosidade de descobrir como cada gesto se pode revelar um passo para o destino, em cada desafio a enfrentar!

Só podemos fazê-lo graças à certeza de termos um companheiro de caminho como Jesus. «Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt 28,20*).

Com a Sua companhia podemos ousar enfrentar qualquer desafio, como nos testemunha alguém que não teve medo de crescer, o Papa Francisco: «Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a *atmosfera do sepulcro*; ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n'Ele, da *ressurreição do coração*, o caminho do «Levanta-te! Levanta-te, sai!». Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer» (*Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017).

Boa Páscoa!

O vosso amigo Julián

## **Introdução, Pigi Banna**

*13 de abril, quinta-feira à noite*

### **«Quanto é preciso que este eu humano seja grande, meu amigo»**

*(Ch. Péguy)*

«Nunca vimos coisa igual!». Como desejamos poder dizer isto no final destes dias. Mas temos um desejo ainda maior: que já amanhã, olhando-nos no espelho, assim como daqui a cinquenta anos, olhando para a nossa vida inteira, possamos dizer: «Nunca vimos coisa igual!». Uma vida, única, especial, grande.

Uma rapariguinha da vossa idade, Maria, tinha o mesmo desejo. Desde que recebeu o anúncio do anjo, quando disse: «Faça-se em mim segundo a vossa palavra»,<sup>1</sup> não houve um dia em que não tenha repetido: «Nunca vi coisa igual!». Também nós temos o mesmo desejo nestes dias. Basta pedir que tenhamos a simples disponibilidade daquela jovem, e Deus fará o resto na nossa vida, pois «para Ele nada é impossível».<sup>2</sup>

Rezemos o *Angelus*.<sup>3</sup>

*Angelus*

### **«ATÉ O AMIGO EM QUEM EU CONFIAVA LEVANTA CONTRA MIM O SEU CALCANHAR» (Sal 41,10)**

Sejam todos bem-vindos! Bem-vindos mesmo, e não digo isto por uma formalidade! Bem-vindos, porque os esperávamos aqui, num lugar onde finalmente podemos não nos sentir escravos do juízo dos outros, dos que se dizem “amigos” sem o ser realmente; num lugar onde não precisamos ficar à mercê das notas que tiramos ou das pretensões dos adultos. Aqui podemos finalmente ser livres dessas escravidões – aqui somos acolhidos pelo que somos –, que nos deixam cada vez mais inseguros e sozinhos.

Mas temos certeza de que conseguimos? Temos mesmo certeza de que, no fim, a vida não é um engano? Vocês realmente têm certeza de que não os estou a enganar? Como escreve de maneira dramática uma de vocês: «Como é possível dar a outra face a um pai que está ausente na tua vida? Como é que posso viver daquele amor que vi, mas que continuamente fica sepultado pelo ódio e pela insegurança?».

A pergunta da nossa amiga é dramática e radical, como tantas das vossas que chegaram até nós antes deste Tríduo. A questão é esta: temos a certeza, no fundo, de que a vida nos espera – como canta Mannioa (*Che sia benedetta*) – quando vemos os nossos pais abandonar-nos para construir o futuro deles, adultos cada vez mais cínicos e com poucas esperanças a respeito dos nossos desejos, ou então amizades e amores que prometem muito, muito e muito, mas de repente nos fazem afundar na terra, andar para cima e para baixo ao longo da montanha russa das emoções? Temos mesmo a certeza de que não nos iludimos quando dizemos que a nossa vida é especial, que podemos dizer da nossa vida: «Nunca vimos coisa igual!»? Ou não é

---

<sup>1</sup> Cf. *Lc* 1,38.

<sup>2</sup> Cf. *Lc* 1,37.

<sup>3</sup> Orações, cantos e a maior parte dos textos citados estão presentes no livrinho distribuído durante o Tríduo Pascal dos Liceus (Rimini 13-15 de abril de 2017): “*Nunca vimos coisa igual!*”, [que pode ser descarregado no formato pdf do site de CL](#).

verdade, então, como escreveu um de vocês – lê-lo encheu-me enormemente de ternura –, que a nossa vida é como um pneu sobresselente, que às vezes poderá ser usado por alguém, desfrutado por alguém e depois abandonado?

É isto, como diz Dom Giussani na página 4 do livrinho, o que «caracteriza o homem hoje: a dúvida sobre a existência, o medo do existir, a fragilidade da vida, a inconsistência de si mesmo, o terror da impossibilidade; o horror da desproporção entre ele e o ideal».<sup>4</sup>

Por essa escravidão à opinião dos outros (amigos, pais, professores), diante de uma nota baixa, diante de uma prova, diante da mensagem inesperada de um amigo, como disse uma de vocês, «somos frágeis / ao sabor de eventos incontroláveis».<sup>5</sup> Tudo, menos liberdade perante o juízo dos outros! Aliás, talvez o que caracteriza o nosso tempo seja justamente essa falta de ternura para com nós mesmos, arrastados de um lado para outro pelas pretensões de todos, pelas expectativas de todos, com a preocupação de não decepcionar ninguém. Mas, no fim das contas, ainda queremos um mínimo de bem para nós?

Parece que quem deve arcar com as consequência de todas essas pretensões seja o coitado do nosso eu. Gaber descreve isto de modo irônico, simpático, mas também trágico, Gaber na canção *L'odore*.<sup>6</sup> Acha que realizou o seu sonho, vai com a sua namorada para as margens de um lago; cria uma cena romântica, que talvez esperasse havia já muito tempo. Mas, a dado momento, sente um cheiro horrível: deve ser o lugar. Então toma coragem, quebra o momento romântico e muda-se para outro lugar. Leva algum tempo para recriar a atmosfera com a namorada. E de novo o cheiro! É ela quem cheira mal! E então tenta não ligar, beija-a para tapar o seu nariz. Mas não há nada a fazer, e assim tem de renunciar àquele sonho. Volta para casa resignado, fecha a porta atrás de si e solta um suspiro de alívio. Mas ainda sente aquele cheiro. Está nele todo! É ele quem cheira mal! E não consegue tirá-lo de si. É esta a coisa terrível do nosso tempo: achar que nós somos errados, não que os outros pretendam demais de nós e não nos entendam, mas que nós é que somos inadequados, sem experimentar um mínimo de ternura para com nós mesmos. Na página 5 do livrinho, Dom Giussani diz: se esmagassem o nosso dedo grande do pé no autocarro, imediatamente poderíamos gritar, zangarmo-nos com aquela pessoa; mas, se nos dizem que não estamos bem, que não estamos bem vestidos, que dissemos algo errado, sentimo-nos morrer por dentro.

Pensar que a nossa humanidade seja irremediavelmente errada, sempre inadequada, nunca à altura da pretensão dos outros, é a grande desumanidade do nosso tempo: «Fazer desaparecer o eu», como diz Dom Giussani.<sup>7</sup> Quando nos dizem que somos errados, nunca gritamos! Ficamos como naqueles pesadelos em que o medo nos assalta e gostaríamos de gritar, mas falta-nos o fôlego, a voz não sai. É a maior traição que poderíamos sofrer. Esta, com efeito, é a maior desumanidade do nosso tempo: não tanto não conseguir, mas o facto de estarmos diante de alguém que nos diz: «Tu não és capaz».

Então vem a tentação, como escreveu um de vocês, de renunciar a desejos grandes demais, de procurar o «Nunca vimos coisa igual!», porque fazer perguntas grandes demais, ter desejos grandes demais nos decepciona depois, e apenas nos faz sofrer. Assim nos deixamos devorar pela apatia da vida quotidiana.

---

<sup>4</sup> L. Giussani, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, Liceus – Tríduo Pascal 2017, p. 4.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 5.

Essa grande insegurança, esse grande medo de sermos simplesmente nós mesmos, vem do facto de percebermos – como escreveu Etty Hillesum, – que «ninguém te será grato por essa luta, ou, melhor ainda, a quem importará?». <sup>8</sup> De facto, que a vida seja um engano pode ser ainda uma coisa teórica, como dizia uma querida amiga minha de Roma, porque ainda podemos falar disso; mas, quando percebemos que não só o pai, não só o professor – que podemos deixar passar –, não só a namorada – porque encontram-se outras –, mas até o amigo em que confiávamos nos trai, ou seja, pensa que eu sou errado, que todo o meu eu, assim como é, o incomoda (e então é melhor não dizer certas coisas, não tocar em certos assuntos, nem sequer pronunciar algumas frases), então experimentamos a maior dor que um homem pode experimentar: a traição de um amigo.

Pensem que esta noite lembraremos o momento em que Jesus percebeu que um dos doze que mais tinha amado no mundo, Judas, um daqueles a quem tinha dado tudo, estava para traí-lo. Para Judas, a presença de Jesus já não era fascinante, amável, mas tinha passado a incomodá-lo. Jesus percebe que, para aquele amigo, é melhor que Ele morra.

Escutemos o relato do momento em que Jesus se dá conta da traição de Judas, como foi descrito pelas palavras do evangelista João. E pensemos em todas as vezes em que também nós nos sentimos traídos, nos descobrimos sem rosto, por estarmos sem amigos; em todas as vezes em que sentimos desaparecer o nosso eu, em que não tivemos nada de ternura para com nós mesmos por nos sentirmos traídos.

«Jesus ficou perturbado em seu espírito e declarou abertamente: “Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me há-de trair!”. Os discípulos olhavam uns para os outros, sem saber de quem falava. Um dos discípulos, a quem Jesus amava, estava à mesa reclinado ao peito de Jesus. Simão Pedro acenou-lhe para dizer-lhe: “Diz-nos, de quem é que ele fala?”. Reclinando-se este mesmo discípulo sobre o peito de Jesus, interrogou-o: “Senhor, quem é?” Jesus respondeu: “É aquele a quem eu der o pão embebido”. Em seguida, molhou o pão e deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. Logo que ele o engoliu, Satanás entrou nele. Jesus disse-lhe então: “O que queres fazer, fá-lo depressa”». <sup>9</sup>

Quando nos sentimos traídos por um amigo, sentimos um abismo que cava dentro de nós e descobrimo-nos sem um rosto. Vamos ouvir o canto.

### *Il mio volto*

#### **«NÃO SE PERTURBE O VOSSO CORAÇÃO» (JO 14,1)**

«E só quando percebo que Tu és, / como um eco eu ouço a minha voz». <sup>10</sup> Mas então é possível não sucumbir à traição, à desilusão, e voltar a experimentar uma migalha de ternura por nós mesmos! Não adianta um esforço nosso, um curso de auto-estima ou uma melhoria nossa, mas dar-nos conta de que há alguém neste mundo – basta um! – que não pretende que eu seja um super-herói e que depois, no primeiro erro que cometo, me descarta e me deixa de fora. Basta-me uma pessoa que me olhe pelo que sou, alguém que eu possa encontrar, tocar, beijar. Como dizem os Chainsmokers no texto: «Não estou à procura de alguém / com superpoderes, um super-herói, / um conto de fadas, / mas algo a que eu possa recorrer, alguém

---

<sup>8</sup> *Ivi.*

<sup>9</sup> *Jo 13,21-27.*

<sup>10</sup> A. Mascagni, «*Il mio volto*», em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 6.

que eu possa beijar».<sup>11</sup>

Uma de vocês descreve isto com extrema lucidez: «Por enquanto eu quero: um novo telefone, uma guitarra, uma tatuagem, um *piercing*, dinheiro, droga, dois furos também na orelha direita e encontrar os meus ídolos. E quando eu tiver tudo isso? Vou reclamar porque o telemóvel novo fica velho, a guitarra não é perfeita porque não sei tocar perfeitamente, a tatuagem é pequena e quero outra, o dinheiro acabou e quero mais, a droga custa muito e não tenho dinheiro e ela acabou, vou querer também um terceiro furo na esquerda [que orelhas!] e depois na direita; e então [atenção, esta parte é espectacular!], depois que tiver encontrado só uma vez os meus ídolos, eles se terão esquecido de mim. O que eu quero? Eu... eu... eu quero que... que... quero que me queiram bem, quero ser olhada, quero ser amada».

Só quando me dou conta de que há alguém que não é como os ídolos – que me puxam para cima, me fazem consumir tanto de mim e depois me deitam abaixo –, mas que me ama assim como sou, é que eu renasço. Benquistado, amado, olhado pelo que sou, sem ser esquecido. Só o encontro com um amigo que não trai, que nos diz: «Não se perturbe o vosso coração», é que permite recomeçar.

Como aconteceu àquela mulher: havia doze anos que estava com uma doença que lhe causava contínuas perdas de sangue; não tinha gasto o seu dinheiro com tatuagens, furos na orelha, guitarras (até porque vivia noutra época), mas tinha gasto todo o seu dinheiro com médicos e nenhum a tinha curado. Pensem, depois de doze anos, na sensação de fracasso, de traição que sentia em si. Sentia-se traída: não apenas pelos médicos, mas sobretudo pela vida. Além disso, para a cidade em que vivia, aquele tipo de doença era uma espécie de maldição divina, e por isso tinha de ficar longe da cidade e não podia tocar em ninguém para não contaminar; enfim, era excluída, recusada. Traída pela vida, pelos seus amigos, pelo seu povo e pelo seu próprio Deus.<sup>12</sup> Precisamente numa entrevista desta manhã, o Papa Francisco falou dessa mulher e disse que era uma excluída, descartada pela sociedade.

Até que essa mulher – que poderia ser qualquer um de nós – vem a saber que chegou à sua cidade um homem capaz de curar todas as doenças, que não se escandaliza com nenhum mal. Este homem é Jesus. E o que acontece? Que a mulher desafia todas as proibições: a proibição de entrar na cidade, a proibição de não tocar em ninguém. Não lhe importa nada do julgamento dos outros. Tem apenas um desejo ao pensar naquele homem: ser curada. E pensa: «Se eu conseguir tocar na roupa dele, ficarei curada!».<sup>13</sup> Pensem em como a presença daquele homem fez ir pelos ares todas as traições e fez explodir o desejo daquela mulher: «Se eu conseguir tocar na roupa dele...», se tu conseguires contaminá-lo! Arrisca tudo por tudo, indo tocar no mais puro de todos, Jesus, arriscando a morte. O seu desejo fica totalmente despertado pela figura de Jesus.

E assim, quando encontramos alguém que não se escandaliza connosco, quando encontramos alguém que nos diz: «Não se perturbe o vosso coração»<sup>14</sup>, quando deparamos com alguém que não pretende nada de nós e que não nos trai, mas desperta todos os nossos desejos, renasce aquela «febre de vida», como lhe chama Lucrezio, que vemos em nós, aquela «febre de vida tão profunda e maldita, que nos agita e nos leva a passar por entre os perigos e as

---

<sup>11</sup> Chainsmokers feat. Coldplay, «Something just like this», em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 8.

<sup>12</sup> Cf. “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 7.

<sup>13</sup> *Mc* 5,28.

<sup>14</sup> *Jo* 14,1.

incertezas».<sup>15</sup> E dá vontade de gritar: «Ajuda-me!», «Cura-me!», «Quero estar contigo!».

Vocês são realmente bem-vindos aqui esta noite, porque estamos num lugar onde podemos gritar «Ajuda-me!» sem ter medo de “contaminar” os outros aqui presentes. É esse desejo de sermos curados que nos faz gritar: «Ajuda-me!», a verdadeira natureza de nós mesmos. E finalmente não nos sentimos apenas um entre os demais, finalmente renasce o desejo de sermos especiais, de sairmos da massa do anonimato, como escreve o pensador polaco Heschel: mesmo se «aos olhos do mundo... eu sou uma média estatística, para o meu coração eu não o sou».<sup>16</sup> Aquele coração, que para os outros é apenas uma média, desperta, reanima-se. Esse coração está em cada um de nós, esse coração existe – existe! – e quer gritar: «Ajuda-me!». Sem medo de nós mesmos, com uma ternura renovada pela nossa humanidade, tentemos trazer para fora novamente o nosso coração, ouvindo as palavras da música de Gabor *Il desiderio*.

### *Il desiderio*

#### **«NÃO FOSTES VÓS QUE ME ESCOLHESTES; FUI EU QUE VOS ESCOLHI» (Jo 15,16)**

Como aquela mulher doente, temos dentro de nós o motor que move o mundo, que nos salva do tédio, que impede a nossa vida de se reduzir a uma lista de coisas para fazer, fazendo dela algo nunca visto antes. Por isso todos nós somos bem-vindos esta noite, porque temos à disposição três dias em que podemos livremente expressar todo o nosso desejo, sem ter medo dos julgamentos de ninguém e, como aquela mulher, podemos gritar: «Ajuda-me!».

Entre vocês nem todos são católicos, há pessoas de outras religiões, há até pessoas que não creem, mas, como me escreveram nos vossos contributos, todos vocês estão aqui porque deram um mínimo de crédito a esse desejo de encontrar algo que valha para a vida.

Esta era e é a força de Cristo: extrair dos escombros das decepções e das traições todo o desejo do homem, despertá-lo! Assim Jesus – esta é a coisa realmente impressionante – não se contenta em curar aquela mulher, mas procura-a no meio da multidão, quer encontrá-la. E ela fica intimidada, porque pensa que ele vai denunciá-la perante todos. Todos vão descobrir o mal que fez, o erro que cometeu ao tocá-Lo. No entanto, Cristo chama-a justamente para lhe dizer que o seu desejo era grande, o seu desejo era justo. Por isso lhe diz: «Filha, a tua fé te salvou». Como diz a frase de Péguy que encontram no livrinho, é como se lhe tivesse dito: «Mulher, o teu eu humano é tão grande, é tão grande que perturbou o mundo do infinito. Um Deus, minha amiga, perturbou-se, sacrificou-se por ti!».<sup>17</sup> A traição, a derrota, o julgamento, a impotência, a decepção não importam; todas estas coisas desaparecem ante aquele olhar. Cristo dá a vida para arrancar dos destroços das traições e das decepções o desejo daquela mulher e de cada homem: «Não foste tu que erraste ao me procurar, não foste tu que me estavas a procurar, sou eu quem te esperava». «Não fostes vós que me escolhestes; fui eu que vos escolhi»!<sup>18</sup> É o que eu queria dizer-lhes, como disse o Papa na entrevista desta manhã: «Coragem, vem! Já não estás descartado, já não estás descartada: eu te perdoo, eu te abraço»<sup>19</sup>, o teu

<sup>15</sup> “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 8.

<sup>16</sup> *Ivi*.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 10.

<sup>18</sup> Jo 15,16.

<sup>19</sup> Francisco, «O Papa dos últimos», entrevista de P. Rodari, *la Repubblica*, 13 de abril de 2017.

desejo é grande.

Como conta um amigo nosso que está preso, num livro que aconselho que todos leiam, até porque tem muitas imagens e pouco texto, um livro que recolhe as tatuagens dos detidos com temas religiosos. Massimiliano conta que tinha tatuado num braço esta frase: «Melhor senhor do inferno do que escravo do paraíso». Melhor ser senhor naquele inferno que era a sua vida, do que ser escravo de todos os falsos paraísos que lhe tinham prometido e que o tinham levado à cadeia, como também nos dizia a nossa amiga citada agora há pouco. O problema é que depois foi parar à prisão deu-se conta de que não era senhor, nem mesmo naquele inferno que era a sua vida. Com efeito, como vocês podem ler na página 11, um dia Massimiliano conta a um detido mais novo que o parou: «Sou o assassino dos meus irmãos, mas a minha condenação não é a prisão perpétua, a minha condenação é tornar-me consciente... Depois, quando tomares consciência, olha de frente para Deus e verás que Ele te ama como no primeiro dia».<sup>20</sup> Assim, depois de também ele, como aquela mulher, se ter descoberto amado como no primeiro dia, mudou a tatuagem: «Melhor senhor do paraíso do que escravo do inferno». Porque é bom demais ficar com quem liberta o nosso desejo, em vez de ir atrás desses infernos.

Assim aconteceu também com um amigo nosso, que não foi vencido pelo desgosto por si nem pela traição, graças a um olhar de amor que o esperava: «Há pouco tempo houve um período de um mês em que estive muito mal: tinha começado a fazer mal a mim mesmo, estava sempre em baixo: toda essa tristeza vinha do facto de eu, às escondidas dos meus pais adotivos, ter encontrado a minha mãe e me ter zangado com ela. Ela tinha-me dito muitas coisas muito pesadas: que meu pai não era meu pai, mas o meu padrasto, que eu tinha nascido de um ato de violência e que ela gostaria de ter abortado. Eu fiquei realmente chocado e não conseguia fazer mais nada, mas depois consegui sair desse estado graças à missa em memória de Dom Giussani, quando, durante uma leitura, me marcaram as palavras em que Deus diz: “Mesmo que alguma mulher se esqueça do próprio filho, eu de ti jamais me esquecerei” (cf. Is 49,15). Naquele momento, senti-me chamado, diretamente, como se Deus me tivesse dito que Ele existia, que Ele me amava, que estava comigo naquela situação. Saí da missa dizendo dentro de mim algo impensável: “Seja louvado Jesus Cristo por eu ter nascido de um ato violento”, como que para agradecer a Jesus por tudo o que me aconteceu, porque graças a isto descobri o que é realmente o amor de Deus».

Também cada um de nós gostaria – bem como aquela mulher, o detido, o nosso amigo –, diante da nossa traição, diante da sensação de abandono e de traição que experimentamos, de ser alcançado pelo olhar de Jesus, o mesmo da sua última noite de vida nesta terra. Diante da traição de Judas, assim como diante de todas as traições da vida, Cristo entende que só pode fazer uma coisa: dar a vida por ele, dar a vida para que possa renascer até o desejo de Judas, dar a vida para que o desejo de cada um de nós possa renascer.

Cristo continua a olhar para cada um de nós como olhou para aquela mulher doente, como foram olhados os detidos («Ele ama-te como no primeiro dia») e o nosso amigo, e diz-nos: «Tu não nasceste para o erro, eu escolhi-te, preferi-te e dou a vida pelo teu desejo, para que tu já não sejas escravo e traído pelas pretensões dos outros; para que tu já não sejas escravo do inferno, mas senhor do Paraíso».

Vamos ouvir o trecho do Evangelho em que Jesus fala desse seu dar a vida.

«Como o Pai me ama, assim também eu vos amo. Permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, sereis constantes no meu amor, como também eu guardei os mandamentos de meu Pai e

---

<sup>20</sup> “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 11.

permaneço no seu amor. Disse-vos estas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa. Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu Senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi a vós e vos constituí para que vades e produzais fruto, e o vosso fruto permaneça. Eu assim vos constituí, a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos conceda. O que vos mando, é que vos ameis uns aos outros».<sup>21</sup>

Agora vamos celebrar a missa, o gesto que Cristo instituiu há dois mil anos nesta noite, a noite antes de morrer, a fim de que todos os homens pudessem continuar a tocá-Lo como O tocou a mulher doente, como O tocou o detido Massimiliano, como O tocou o nosso amigo. Nesta missa, que é celebrada em todo o mundo, queremos relembrar de modo especial os nossos irmãos egípcios que, indo à missa no domingo passado, derramaram o seu sangue por causa de uma bomba colocada debaixo de um banco, assim como Cristo deu o Seu sangue e o Seu corpo por nós.

Nestes dias, para todos nós será uma luta contínua entre o pré-julgamento que temos sobre nós mesmos – aquele que nos faz pensar que fracassamos na vida –, entre não gostarmos de nós mesmos, entre sermos escravos da opinião dos outros sobre nós e o desejo de que a nossa vida seja algo de grande, de nunca visto. Uma luta entre o pré-julgamento e a febre de vida que vemos em nós e que nos faz gritar: «Ajuda-me!», «Cura-me!». Pensem na mulher que sofria de hemorragias, naquela mulher que perdia sangue: ela também viveu essa luta, teve de pôr à parte as opiniões das comadres e de todo o povo – o mesmo que tinha lido sobre a lei de Deus –, teve de vender os seus remorsos e as suas vergonhas e deixar prevalecer apenas o desejo, indo a direito por entre a multidão, indo a direito para uma só meta, um só objetivo: tocá-Lo, gritar-Lhe: «Ajuda-me!».

Como se chama esse pôr de parte as opiniões dos outros e os nossos pré-julgamentos para deixar prevalecer esse desejo? Como se chama essa postura – porque, antes de tudo, é uma postura? Chama-se «silêncio». O silêncio não é a mudez, mas é por à frente de tudo, à frente de todos os pré-julgamentos e as confusões da nossa mente, este desejo, deixar prevalecer apenas este desejo. Esta é a condição – pensem nessa mulher que sofria de hemorragias esticando-se, esforçando-se para tocar Jesus, sem se distrair com o resto – que pedimos que seja respeitada fisicamente em alguns momentos destes dias. Pedimos isto para dar voz a este desejo, tantas vezes incómodo, e no entanto tão grande a ponto de “perturbar” a Deus. Mas é uma postura que devemos levar connosco até quando formos dormir, até quando estamos entre nós à conversa, no almoço, na praia e quando temos tempo livre. Pedimos uma postura de silêncio para não deixar prevalecer os nossos comentários, mas este desejo único no mundo. Não estamos aqui para perder tempo, mas para tocá-Lo, para ver se há Alguém que nos pode curar. Somos realmente sortudos, porque nestes dias podemos gritar toda a nossa necessidade de sermos curados. Por isso cantamos *Cry no more*, porque estamos felizes por estar aqui, bem-vindos, porque já não há por que chorar, porque «eras escravo, e agora és filho, [...] aguarda-te uma festa toda para ti». De pé.

*Cry no more*

---

<sup>21</sup> Jo 15,9-17.



## Lição, Pigi Banna

14 de abril, sexta-feira de manhã

### «Nunca vimos coisa igual!» (Mc 2,12)

Esta manhã não ficámos no hotel e viemos para aqui para o salão, porque esperamos que aquilo que aconteceu àquela mulher, ao nosso amigo, possa acontecer-nos também a nós hoje. Por isso estamos cheios de expectativa, e a expressão desta expectativa é o silêncio. Se não estiverem aqui com esta expectativa, podiam ter ficado no hotel. Mas se vieram com esta expectativa, tentem vivê-la com a tensão do silêncio, ouvindo a música clássica.

Tudo aquilo que aconteceu ontem à noite poderá parecer já uma recordação longínqua, porque entretanto muitas emoções, muitos pensamentos e muitas distrações nos encheram a cabeça. Mas qual é a nossa força? Espremer os miolos e tentar recriar a emoção de ontem? Iludirmo-nos com alguma coisa que na realidade não existe? Não. A nossa força está em que continua a acontecer diante dos nossos olhos um facto que chama de novo a nossa atenção: cinco mil pessoas, aqui presentes. Alguma coisa que acontece de forma obstinada e volta a chamar a nossa atenção. É um facto capaz de nos levantar, de nos reconquistar, de nos resgatar da confusão dos nossos pensamentos e de nos voltar a dar vida. Como foi para Maria: todas as manhãs, podia perder-se nos pensamentos sobre a casa e sobre o futuro, mas olhar para aquele filho que obstinadamente existia, crescia, fazia milagres, subia à cruz e era morto – hoje fazemos precisamente memória disto –, ver aquele facto era capaz de retomá-la, de levá-la àquele primeiro dia, quando o anjo lhe levou o anúncio, em que o seu coração foi conquistado e a sua vida foi mudada.

Peçamos que também a nós hoje, como a Maria, aconteça um facto capaz de nos despertar, que a Sua presença seja de tal forma evidente, que nos desperte e nos volte a levar àquele início que nos faz renascer.

*Angelus*

Rezemos as Laudes. As Laudes são a oração da Igreja. A Igreja, no meio da confusão dos nossos pensamentos, coloca-nos nos lábios palavras muito profundas, muito maiores do que aquilo que eu consigo compreender imediatamente. Quando rezo as Laudes, sinto-me como quando se é criança e se vai à montanha com os pais, transportado numa mochila: tu não dás nem sequer um passo, porque é outro que te carrega, mas da mochila tens uma vista espectacular; enquanto que, se caminhasses pelos teus pés, te cansarias, e sendo ainda pequeno, verias muito menos, porque ainda és baixo. Assim, as palavras dos Salmos são como a mochila em que a Igreja nos mete para nos fazer chegar a uma profundidade de inteligência, de coração, de sensibilidade que de manhã, e nem mesmo à noite, teríamos. Rezemo-las assim, sem ter a pretensão de perceber tudo – eu próprio não percebo ainda tudo –, mas procurando aquela frase, aquela palavra que nos descreve melhor do que as palavras que nós poderíamos procurar na nossa cabeça.

As Laudes são um canto que se faz em conjunto, uma oração que se faz em conjunto, como numa família. Por isso, sem gritar, pronunciemos todas as palavras na mesma nota. Chama-se *recto tono*, em que a questão não é se tu és afinado ou não, que tu grites ou não, mas sim que tu oiças a voz do teu vizinho antes da tua, que a tua voz seja a voz do teu vizinho. Somos todos um só grito. Há uma breve pausa só depois do asterisco, é uma ajuda para nos darmos conta do que dissemos; assim que acaba o versículo do primeiro coro, começa logo, sem

fazer uma pausa, o segundo coro.

*Laudes*

*Non son sincera*

«VÓS ESTAREIS TRISTES» (Jo 16,20)

É impressionante a verdade a que nos introduz o canto *Non son sincera*. Podemos viver, podemos procurar fazer alguma coisa de bom na vida, podemos até decidir passar as férias da Páscoa não na discoteca, mas no Tríduo dos Liceus e, no entanto, existe uma voz no fundo de nós que nos diz que não somos sinceros. «Passa o meu tempo, não sou sincera. Amo as pessoas, não sou sincera. Vivo o presente, não sou sincera».<sup>22</sup> Podemos até apaixonar-nos, viver à grande, ter tocado as estrelas, e ainda assim, aqueles erros habituais e a incoerência regressam de forma estável, mesmo diante de todas as emoções, de todos os entusiasmos que nos prenderam na vida. Dissemos até, nalguns raros momentos: «Nunca vimos coisa igual!», mas depois parece que, ao virar a garrafa, está lá escrita a data de validade; e por isso acaba o efeito, e volta-se à habitual vida de antes.

Quase que nos vem a tentação de nunca mais dizer aquela “maldita” frase: «Nunca vimos coisa igual!», porque mais tarde ou mais cedo o efeito acaba, desvanece-se. Escreve um de vocês: «A frase: “Nunca vimos coisa igual!”, eu não quero pronunciar-la. Porque sei, por experiência, que uma vez experimentada a emoção do momento, com o tempo esta posição não resiste». Algo de semelhante escrevia a poetisa Alda Merini: «Aquilo que passou [ainda que grande] / é como se nunca tivesse existido [...] / Aquilo que já vi / já não conta para nada».<sup>23</sup> Surge, então, a pergunta que tantos de vocês fizeram nos vossos contributos: «Vale a pena sermos felizes, se não estamos seguros de que dura para sempre?». Ou: «Como é que se pode ter um olhar sedento que não se apague diante da primeira dificuldade?». Outro escreve ainda: «Assusta-me pensar que os 17 anos da minha vida tenham sido uma sucessão indistinta e irrelevante de coisas bonitas e feias; isto mete-me medo. Como que se faz para nos darmos conta de que esta beleza existe mesmo? Como é que se é capaz de procurá-la de forma eficaz? Onde é que está esta coisa que dá sentido e ordem a todas as anedóticas confusões da vida?». Esta é a pergunta de hoje, rapaziada. Tentem pô-la à prova na vossa vida. Estamos mesmo condenados à ditadura dos sentimentos, graças à qual, passada a emoção, qualquer coisa bonita se transforma numa velha recordação?

Pensem, também os discípulos de Jesus tinham o mesmo problema: na quinta-feira à noite estavam sinceramente afeiçoados àquele homem: «Ainda que todos se escandalizem contigo, nós não!», diz-lhe Pedro, e acrescenta: «Eu morrerei contigo»; e os outros: «Também nós!».<sup>24</sup> Mas passadas pouquíssimas horas, são tomados pelo sono e não conseguem fazer-lhe companhia enquanto Ele atravessa o momento mais dramático da sua vida. No Horto das Oliveiras, os seus discípulos adormecem. E no momento em que Jesus é preso, fogem todos. Quanto mais morrer por Ele! Fogem e abandonam-no. Como veem, nós somos como eles. Depois da primeira emoção – que nos faz exclamar: «Nunca vimos nada assim!» –, é preciso muito pouco para tudo desmoronar.

---

<sup>22</sup> A. Mascagni, «Non son sincera», em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 27.

<sup>23</sup> A. Merini, «Il mio passato», em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 28.

<sup>24</sup> Cf. Mt 26,33-35.

Os sentimentos dos Apóstolos são os mesmos que os nossos: vemos, espantamo-nos, fazemos promessas, mas depois fugimos. Escutemos com atenção as palavras do Evangelho. Então, tudo tem mesmo de ter uma data de validade? Estamos condenados à ditadura dos sentimentos?

«Saira, para o monte das Oliveiras. E Jesus disse-lhes: “Vós todos vos escandalizareis, pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas serão dispersas’. Mas depois que eu ressurgir, eu vos precederei na Galileia”. Pedro respondeu-lhe: “Ainda que todos se escandalizem de ti, eu, porém, nunca!”. Jesus disse-lhe: “Em verdade te digo: hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado”. Mas Pedro repetia com maior ardor: “Ainda que seja preciso morrer contigo, não te renegarei”. E todos disseram o mesmo. Voltando terceira vez, disse-lhes: “Dormi e descansai! Basta! Veio a hora! O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. Levantai-vos e vamos! Aproxima-se o que me há-de entregar”. Então, todos o abandonaram e fugiram».<sup>25</sup>

«Todos o abandonaram e fugiram». Mas como? Abandonam a coisa maior, a pessoa maior que tinham encontrado na vida? Sim, sob a onda do medo, da incerteza, abandonam-nO.

Parecia uma grande amizade, aquele homem parecia ser o maior amigo que alguma vez tinham encontrado, e bastou tão pouco para os fazer fugir? Parece ter razão *A beautiful disaster*, uma canção que pode agradar mais ou menos, mas que diz uma coisa significativa: «Pego naqueles momentos de vida que vivi por engano [porque tem de se justificar tê-los vivido por engano] e transformo-os em emoções de pequeno porte».<sup>26</sup> A ditadura das emoções de pequeno porte! O medo improvisa, a angústia, a raiva, a incompreensão esmagam até as coisas mais bonitas da vida, como aconteceu com os discípulos de Jesus. Muitos de vocês contam isso nos vossos contributos. Finalmente apareceu aquela paixão que há tanto esperavam: ela é a certa e as coisas correm bem, também ela está apaixonada. Que intensidade de olhares! Que cumplicidade! «Parece que me conhece desde o berço. Nunca tinha visto uma coisa tão bonita!». Mas uma manhã, tudo corre mal de uma só vez. Acontece de tudo: o despertador não tocou, o teu pai já saiu de casa, tens de apanhar o autocarro e entrar na segunda aula, fazes tudo a correr, tudo a correr! Tinhas também uma chamada oral e “ela” começa a mandar-te mensagens: «Mas onde é que estás?», «Estava à tua espera!», «O que aconteceu?», «Por que é que não vieste?». Entretanto, enquanto estás no autocarro, dás-te conta de que talvez devesse apanhar mais vezes o autocarro, porque está ali aquela rapariga querida que é tão bonita, é muito simples, não está a bombardear-te com mensagens, a pretender saber onde estás, o que fazes; basta um olhar e compreendem-se. Ao passo que responder a “ela” não é tão espontâneo, e depois «mas quem é que ela acha que é na minha vida?». Então, pensamos que acabou. Bastam emoções de pequeno porte para esmagar até as maiores promessas. Diria Leopardi: «*Mas se um acorde dissonante fere o ouvido [se uma emoção errada fere o ouvido] / em nada aquele paraíso se transforma num instante*».<sup>27</sup> Aquele paraíso desvanece-se, fica esmagado. Então parece que somos obrigados a esta ditadura das emoções, a mudar de opinião a toda a hora, a não nos podermos afeiçoar a nada, a sermos escravos, presas dos sentimentos. Dom Giussani pergunta-se qual é o inimigo da amizade: «O inimigo da amizade é o humor», porque o humor é a

---

<sup>25</sup> Mc 14,26-31.41-42.50.

<sup>26</sup> “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 29.

<sup>27</sup> G. Leopardi, «Sopra il ritratto di una bella donna», XXXI, vv. 46-48, em Id., *Cara beltà...*, Bur, Milão 2010, pp 96-97; itálico nosso.

reação imediata (tristeza, aborrecimento, raiva), «é como a flor do campo [...]: de manhã existe, e à noite já secou».<sup>28</sup>

Podemos até pensar em defender-nos com estratégias, mas também estas se revelam de curto fôlego: procuramos não nos deixar arrastar pelo vento das emoções, procuramos repetir a nós mesmos e convencer-nos de que é inútil entusiasmar-se e iludir-se, uma vez que a emoção passará, porque já as experimentastes todas e sabes que no fim não serás feliz! Dizemos: «Eu sou um bloco de gelo, nenhuma emoção me toca. Precisamente porque sei que depois passam, não me afeiçoo a ninguém». Tentamos ser cínicos, como pedras, com um eletroencefalograma plano, refractários ao que acontece. Disfruto cada relação por aquilo que me interessa, porque já experimentei tudo, já sei como vai acabar e tento ficar diante das situações como uma pedra, com um eletroencefalograma plano. «Sim, vais ao Tríduo? Mas sabes que o fazem todos os anos? Todos chegam e exclamam: “Lindo, lindo!”, mas depois voltam para casa e acabou tudo. Fica calmo! Estás em primeira, eh! Mas quando meteres a quinta, perceberás que é uma roda». Como escreve com grande perspicácia um de vocês: «O que é que faço com este espanto provocado por este abraço que me foi dado, se depois, amanhã de manhã, voltarei a viver a minha vida exatamente como ontem e anteontem, sem que nada tenha verdadeiramente mudado em mim?». Isto é verdadeiramente desumano: ser cínico já aos catorze, quinze, dezasseis anos! Pensar que nada me poderá mudar, saber já como vai acabar tudo.

Mas então as emoções são para eliminar? Não! Oíçam como continua Dom Giussani: «A amizade não é contra a emoção». Porque um homem sem emoções, é um homem morto. Quem renunciaria ao espanto do início, como acontece quando nos apaixonamos? Quem renunciaria ao «pânico dulcíssimo e terno e surpresa»<sup>29</sup> que nos toma diante de alguém que nos atrai, diante de uma pessoa que finalmente nos compreende? Quem é que renunciaria? Seria verdadeiramente desumano não nos entusiasmos, não nos zangarmos, não ficarmos tristes. A realidade, pelo simples facto de acontecer, desperta um sentimento, provoca emoções que abrem o coração.

A amizade verdadeira não é contra a emoção, mas «a verdadeira amizade é contra a emoção sem razão»,<sup>30</sup> porque uma emoção sem razão faz-te experimentar mil coisas, mas faz com que te escape o sentido, não te deixa captar o significado. Como diz Eliot: «Fazemos experiência, mas foge-nos o significado».<sup>31</sup> O que quer dizer uma emoção sem razão? Dou um exemplo banalíssimo. Vocês diriam: mas assim é demasiado simples! Porém acontece exatamente assim. Eu vou a um bosque e vejo um lindíssimo cogumelo, mesmo bonito, parece pertencer ao mundo dos Estrumpfes, com aquele cabelo com as pontas simétricas, depois uma mais grossa, uma mais pequena. Lindo! Mas que belo cogumelo! Deve ser o cogumelo mais bonito do mundo. Não vejo a hora de o comer. Aliás, vou comê-lo cru. Um pouco de azeite em cima; delicioso! À minha frente está um velho cartaz que tem escrito: «Atenção: cogumelos venenosos!». Não, mas este é bonito demais para ser venenoso! Imaginem! É tão bonito! Comoveu-me. Apanho-o. Tenho de seguir esta emoção. Apanho o cogumelo, tenho de o comer. É tão bonito que não pode não ser bom. É tão bom que... me mata! Esta é emoção que confunde o coração, que nos priva da razão. Debaixo da onda desta emoção sem razão, nós

---

<sup>28</sup> “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 28.

<sup>29</sup> *Ivi.*

<sup>30</sup> *Ivi.*

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 29.

comportamo-nos mil vezes por dia assim com outros tipos de cogumelos (estamos entendidos...), mas sobretudo com as amígdalas, que é a coisa mais grave: «Mas sim, é uma façanha, qual é o mal?». Raciocina, raciocina! És um homem, graças a Deus. Quando seguimos as nossas emoções sem razão – sabem-no bem –, sucede aquilo que dizíamos ontem à noite: somos tramados por nós mesmos, e nem sequer podemos culpar ninguém. Como diz o canto que vamos cantar agora, encontramos na mão apenas «terra queimada», tendo esmagado também as experiências mais bonitas. Como aconteceu também com os discípulos: terra queimada, nomes sem um porquê. O que é que tinham feito daquela relação com Jesus? «Fica só a lembrança de um dia perdido / e certamente a espera de ti». Cantemos juntos *La guerra*.

### *La guerra*

#### «AGORA A MINHA ALMA ESTÁ PERTURBADA» (Jo 12,27)

Também Jesus, naquela noite, sentia tristeza, medo, angústia: os mesmos sentimentos dos seus discípulos. Diz: «Agora a minha alma está perturbada!». Mas ele, ao contrário dos seus discípulos, não fugiu, fustigado pela vaga destes sentimentos; ficou como um bloco de gelo, com um grande auto-controlo, impassível perante a sua morte iminente. Reconheceu e viveu com razões profundas os seus sentimentos de homem. O medo e a angústia abriram o seu coração de homem e não ficou bloqueado pela ditadura dos sentimentos.

Não fugiu. Porquê? Antes de mais, porque Ele, o maior de todos – o Mestre – não teve medo de reconhecer os seus sentimentos, a sua tristeza infinita. Por isso, a *primeira condição* para não nos deixarmos escravizar pelos sentimentos é reconhecê-los, acolhê-los: são a coisa mais humana que tenho, são a expressão da minha humanidade; alargam o meu coração e a minha razão, escancaram toda a minha necessidade. Como é humano o meu sentimento! Quer eu esteja irritado, aborrecido, triste ou exaltado, reconheço-o, não tenho vergonha de o dizer. Isto é verdadeiramente de homem. Também o meu cão tem sentimentos. Quando me vê, percebe-se que está feliz: abana a cauda, vem ao meu encontro, salta; quando fecho a porta e não o levo comigo, faz uns olhinhos desconsolados. Eu acredito que o meu cão tem sentimentos, mas “coincide” com os seus sentimentos. O meu cão é o sentimento que experimenta; não pode dizer: «Ah, hoje estou triste, como é humano o meu sentimento!», porque é um cão! Mas nós sim, nós podemos dizer a um amigo ou a nós mesmos: «Hoje estou triste» e assim começamos a não nos deixarmos dominar por este sentimento. Este é o primeiro passo.

Dom Giussani tinha uma profunda estima pelos sentimentos que colocam o coração do homem em movimento, não lhe permitindo reduzir-se à sua instintividade, nem a um mecanismo frio e insensível. Conta num livro seu de quando foi à festa de final de ano de uma turma que ensinava; a certa altura, os jovens começaram a dançar. Vê aquela mais gordinha que dança bem; vê aqueles corpos que habitualmente estavam quietos atrás das carteiras girarem sobre si próprios, rodarem uns com os outros. Uma dança à anos setenta. Conta como era bonito vê-los girar e rodar sobre si mesmos, mas a certo ponto, já no fim da noite, fá-los parar e diz-lhes que, voltando para casa, como depois de todas as noites em que se vai dançar, uma sombra iria descer sobre eles, um sentimento de tristeza, uma tristeza que sobe devagarinho, que nos aperta como uma corrente e da qual só nos libertamos adormecendo; mas na manhã seguinte, ou noutros momentos do dia, aquela tristeza voltará. E conclui: «A tristeza é o sinal da grandeza do homem».<sup>32</sup>

O primeiro passo é, por isso, reconhecer o quão humana é esta tristeza. Dom Giussani conta um episódio

---

<sup>32</sup> Cf. L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Marietti 1820, Génova 2002, pp. 70-71.

que nos faz compreender toda a estima que tinha pelo sentimento humano. Como é humana esta tristeza da qual nasceu a filosofia, que distingue o homem do animal! Como é humano o nosso sentimento: a raiva, o tédio, a ansiedade, tudo, tudo o que é humano deve ser reconhecido, aceite. Seria desumano fingir que não existe, censurá-lo – como dizíamos ontem à noite – com aquela pouca ternura que tantas vezes sentimos por nós mesmos.

Procuremos identificar-nos com os pensamentos de Jesus naquela noite. Não tem medo de reconhecer e de olhar de frente para este seu sentimento. Vamos pôr-nos de pé e ouvir o que Ele diz naquela noite de profunda tristeza e angústia.

«Foram em seguida para o lugar chamado Getsémani, e Jesus disse aos seus discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto vou orar”. Levou consigo a Pedro, Tiago e João; e começou a ter pavor e a angustiar-se. Disse-lhes: “A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai”. Adiantando-se alguns passos, prostrou-se com a face por terra e orava que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. E dizia: “Aba, ó Pai! Tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres”».<sup>33</sup>

Permanecemos de pé e ouvimos o canto que repete as mesmas palavras de Jesus. *Tristis est anima mea*. «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai comigo. Agora irão ver uma multidão que me irá rodear. Vós fugireis e eu irei imolar-me por vós. / Eis que se aproxima a hora e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores».

#### *Tristis est anima mea*

«Vós fugireis, devido à vaga das vossa próprias emoções; eu, porém, devido a essas mesmas emoções, fico e vou imolar-me por vós». Por que é que Cristo não foge? Porque a sua tristeza abriu o seu coração até se unir ao Único que estava à altura daquele sentimento: o seu Pai. O seu sentimento, acolhido e levado a sério, levou-o a gritar, a pedir ao Pai: «Tudo te é possível! Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres». Por isso «A emoção não [...] é negativa», mas «tens de a “registar”, tens de [...] utilizá-la para o objetivo que ela te pode fazer alcançar, para aquela capacidade de relação afetiva que pode ser vivida».<sup>34</sup> Aquela tristeza serviu a Cristo para redescobrir a Sua relação com o Pai, empenhando tudo naquela relação que O constituía.

Este é o ponto, o ponto-chave de hoje, rapaziada! Todos os nossos sentimentos – todos, sem excluir nenhum – podem ser úteis, uma vez levados a sério, para descobrir o que existe de verdadeiro na vida. Olhando para Cristo, podemos compreender que existe um caminho para olharmos de frente todos os nossos sentimentos, sem nos submetermos a eles. Uma vez acolhidos, *todos os sentimentos podem tornar-se o caminho para reconhecer e para nos afeiçoarmos àquilo que existe de verdadeiro na vida*. É possível olhar para qualquer emoção porque todas as emoções – como disse de forma inteligente Lady Gaga na sua canção *Million reasons* –<sup>35</sup> que te levariam a fugir duma relação, todas as dúvidas que te surgem, toda a tristeza que te assalta, servem para encontrar «uma boa razão para ficar», para ver se existe uma boa razão para se afeiçoar. Todas as dúvidas, todas as incertezas, se não nos detivermos nelas, podem ser a estrada, *primeiro*,

---

<sup>33</sup> Mc 14,32-36.

<sup>34</sup> L. Giussani, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 31.

<sup>35</sup> *Ivi*.

para nos darmos conta do quanto somos humanos e, *segundo*, para descobrir aquilo que é verdadeiro na nossa vida. Todos os sentimentos, em vez de nos confundirem e sem que nós tentemos evitá-los, se tornam estrada.

Para me fazer entender, dou um exemplo presente n' *O sentido religioso* de Dom Giussani.<sup>36</sup> Eu vejo uma bela montanha, e então para vê-la melhor, pego nuns binóculos. Assim que olho, vejo tudo desfocado porque, evidentemente, as lentes não estão focadas. Dom Giussani diz: as nossas emoções são como lentes que não estão focadas. Qual é a nossa tentação? Dizer: «Estava enganado, a montanha é feia», deitar fora os binóculos e ir embora. Pelo contrário, a coisa mais bonita da vida, a coisa que é mais de homem, é reconhecer, acima de tudo: «Oh, os binóculos não estão focados», e depois ajustar as lentes – que servem para nos fazer ver melhor os objetos distantes – e dizer: «Mas que bela montanha!». Para isto servem as emoções, mas devem estar focadas para olhar para aquilo que é verdadeiro para a minha vida, aquilo que é nobre, aquilo que resiste verdadeiramente no tempo!

Muitas vezes, encontramos-nos diante de sentimentos que parecem desfocados, só vemos o medo e a tristeza, a alegria ou o entusiasmo, por isso fugimos ou tentamos ficar impassíveis. A tentação mais forte é de nos determos naquilo que experimentamos, dizendo que tudo é belo ou tudo é feio. Em vez disso, qualquer que seja o sentimento que focamos, tens de entender como é que a tristeza, o tédio, a ansiedade, a alegria, a surpresa, te são úteis para olhar melhor para a realidade, para descobrir melhor o que é verdadeiro, para te afeiçoares ao que é belo. Numa palavra, tens de os focar.

A emoção é preciosa porque representa a primeira reação diante daquilo que acontece, mas este estado de alma não é um fim em si mesmo. Serve para te pôr em movimento o coração, e aqueles critérios que trazes contigo e que te permitem dizer: «Isto sim, é belo, verdadeiro, bom, justo!». O coração diz: «Assim está desfocado, assim está um pouco melhor, assim vê-se bem»; e então pode ajuizar: «Esta tristeza é boa, porque me impele a ligar-me àquilo que importa; esta outra tristeza, pelo contrário, é uma mentira, porque me faz duvidar de uma coisa verdadeira! Este entusiasmo é falso, porque segui-lo deixa-me sempre cada vez mais só; pelo contrário, este outro entusiasmo é verdadeiro, porque é por alguém que me abraça também quando estou triste». Só com a emoção, podemos confundir-nos, mas com a emoção unida ao coração, não; o coração não se engana, diz Dostoievski,<sup>37</sup> porque o coração vai procurar aquilo que resiste, aquilo que dura, aquilo que é belo, aquilo que não engana. Com o coração, reconheces o que colmata o abismo aberto pela tua emoção e o que, pelo contrário, te deixa cada vez mais só e com medo.<sup>38</sup>

Então, é preciso medir as emoções, como fez Cristo naquela noite, com o coração. Porque a emoção pode confundir-se, mas o coração não. Por exemplo, depois de um belo serão juntos, a minha namorada convida-me para tomar uma bebida e fumar alguma coisa: é tão bonito, é tão rico, é tão arrebatador! Mas eu sinto uma estima imensa por cada um de vocês para não poder deixar de pensar que todos vocês se dariam conta de que é uma forma de querer-se bem, de estar com a namorada, que segue a emoção e depois deixa nas mãos a terra queimada; e que existe uma outra forma de dar fogo àquele entusiasmo, de lhe dar um crédito que, pelo contrário, não queima tudo, não estraga tudo, mas o faz durar. Esta é a emoção medida com o coração. Assim,

---

<sup>36</sup> Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 45ss.

<sup>37</sup> F.M. Dostoievski, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 31.

<sup>38</sup> Cf. E. Dickinson, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 32.

mesmo durante a entrada no salão, acontece-me falar com um colega meu e pensar: «Eh, tenho vontade de falar, o que posso fazer?». Podes reconhecer a tua dificuldade, a tua distração e perguntar-te: «Mas por que é que eu estou aqui?» «Estou aqui porque espero alguma coisa para a minha vida; então, foco-me na distração e, em vez de distrair também o meu amigo, contenho as palavras e digo-me: «Bolas, eu estou aqui para esperar algo de grande». Ou posso seguir a onda da emoção e pôr-me a falar, esquecendo-me de por que é que vim aqui.

Então, como é que compreendes que o teu sentimento está verdadeiramente focado que não estás a afogar-te entre as vagas das tuas emoções? Do facto de que aquele sentimento, focado, te faz respirar, te faz afeiçoar, te faz deixar de rodar no vazio; o sentimento torna-se energia nova que te faz meter a mudança e te faz afeiçoar àquilo que é verdadeiro no caminho da vida; faz-te viver, não te faz ser escravo! Tornas-te patrão da tua vida.

Descreve-o – muito melhor do que eu estou a tentar fazê-lo – uma jovem que enviou um contributo impressionante. «Exatamente há um ano, quando estava no Tríduo, comecei a ter problemas de saúde, tinha um terror de ser abandonada que me impedia de estar com as pessoas e condicionava todos os meus comportamentos. Procurava uma forma de combater a minha condição e zangava-me, porque não compreendia o motivo de uma dor tão grande, por que razão me acontecia logo a mim. Tinha uma grande vontade de viver e de me atirar para as coisas que fazia, mas estava inevitavelmente limitada». Estão a ver? Justamente, diante da doença, a nossa amiga é tomada pelas emoções: a raiva, o medo de ser abandonada, o não entender, a incompreensão. Mas depois continua – escutem a voz do seu coração –: «Tudo se tinha tornado pedido de plenitude, cada relação gritava liberdade. Naquele ponto, assumi a posição mais sincera: reconheci-me necessitada de Alguém a quem poder confiar toda a minha miséria». Entenderam? Aquela emoção, se não fosse medida com o coração, tê-la-ia levado a dizer: «A minha vida é uma porcaria», a atirar-se ao chão e dizer: «Sou uma infeliz». Pelo contrário, foi precisamente aquela condição, medida com o coração, que lhe fez surgir uma vontade de viver e um pedido único. Eu invejo esta amiga pelo sentimento de vida que tem. Não vejo a hora de ter cada vez mais amigos como ela, que olham assim para as suas emoções. A ponto de chegarem a pedir: «Quero carregá-la, esta cruz, mas sozinha não sou capaz. Dá-me a coragem de poder estar diante da minha ferida». Talvez ela nem se tenha dado conta de ter repetido as mesmas palavras de Jesus quando estava para morrer. «Pai, sei que tudo te é possível, mas não se faça o que eu quero, mas o que tu queres».<sup>39</sup>

Quando uma pessoa encara assim a raiva, o tédio, a incompreensão, que humanidade, que capacidade de letícia, que plenitude de vida daí emergem!

Esta nossa amiga, como Cristo, compreendeu que todos os sentimentos, medidos com o coração, podem ser a ocasião para escancarar a vida, para descobrir aquilo que é verdadeiro, aquilo que permanece, aquilo que verdadeiramente inflama. Cristo compreende que todos os seus sentimentos de homem (tristeza, angústia, medo) não se podem perder, não se pode fugir deles, mas são postos em ordem, focados, na “boa razão” pela qual deu a vida: a Sua relação com o Pai, que nunca O tinha traído: «Não o que eu quero, mas o que tu queres». Se se tivesse detido na superfície da sua reação, teria fugido, como fizeram os discípulos. Em vez disso, não ignorou a sua emoção, mas entendeu que esta humana tristeza e este medo da morte escancaravam o Seu coração, serviam para redescobrir e reafirmar a Sua relação com o Pai, aquilo que o

---

<sup>39</sup> Cf. *Mc* 14,36.

tinha mantido de pé por toda a sua vida.

### «NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)

«Jesus respondeu-lhes: “Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo, há de guardá-la para a vida eterna. Se alguém me quer servir, siga-me, e onde eu estiver, estará também aquele que me serve. Se alguém me serve, meu Pai o honrará”».<sup>40</sup>

Esta é a grande razão que dominava todos os sentimentos de Cristo. Não é uma filosofia. E não vamos dizer, por favor: «Ele é ótimo, mas eu não consigo!» Eu sou o primeiro a não conseguir. Não é este o problema de agora; neste momento, temos simplesmente de olhar para a “boa razão” de Jesus: «Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto».<sup>41</sup>

Guiado por esta boa razão, comove-se e cai no choro, porque o amigo Lázaro está morto,<sup>42</sup> irrita-se com quem transforma o templo num mercado de produtos religiosos,<sup>43</sup> chega a cansar-se pelo quanto cura e fala,<sup>44</sup> sempre à procura de todos os homens, pois estavam como ovelhas perdidas, sem pastor.<sup>45</sup> Todos os sentimentos, tão profundamente humanos, que enchem o Seu coração, todas as dificuldades que de boa vontade e livremente enfrentava, estão ordenados a um só fim, na obediência ao Pai que nunca o tinha traído, tinham uma só razão: dar a vida para libertar os homens dos seus condicionamentos – como dizíamos ontem à noite –, libertar o homem desta ditadura das emoções, escancarar finalmente o coração e a razão do homem.

Não é preciso já ser católico para compreender tudo isto. Impressionou-me que alguns de nós que estão aqui, não católicos, à pergunta «Por que vieram aqui?», responderam: «Porque aqui vem à tona o meu humano, aqui fala-se de mim». E outro disse-me: «Quando falas de Deus, não te acompanho, mas quando falas dos relacionamentos, dizes coisas verdadeiras». Jesus não precisa, como diria o Papa Francisco, de proselitistas, de gente que tenha o cartãozinho e pague a portagem ao grupo dizendo: «Sim, sim, não te preocupes, vou ao encontro», Jesus tem uma só preocupação: libertar o homem e fazê-lo finalmente sentir-se ele mesmo. Até o homem que O recusa? Até o homem que O odeia? Sim! Até mesmo Judas, até mesmo a mim. Caracterizava-o a comoção pelo nada que o homem é, a tal ponto que se comoveu até pela traição dos Seus. Como diz Dom Giussani: «Deus comoveu-se com a nossa traição, com a nossa pobreza rude, esquecida e traidora, com a nossa mesquinhez. [...] “Comovi-me porque me odeias”. É uma emoção, é como uma emoção; é uma comoção, tem dentro uma comoção».<sup>46</sup> Desde o primeiro dia da Sua missão, todos os Seus sentimentos estavam ordenados a esta comoção por cada um de nós. Portanto, escutemos *O côr soave*,

---

<sup>40</sup> Jo 12,23-26.

<sup>41</sup> Jo 12,24.

<sup>42</sup> Cf. Jo 11,33-35.

<sup>43</sup> Cf. Mc 11,15-19.

<sup>44</sup> Cf. Jo 4,6.

<sup>45</sup> Cf. Mc 6,34.

<sup>46</sup> L. Giussani, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 33.

que diz que Jesus não foi morto só por um punhal pungente, pela violência dos homens, mas imolou-se, foi morto pelo amor, por uma seta originada e disparada pelo Amor em pessoa.

*O côr soave*

«Comovi-me porque me odeias.» Parece impossível que um homem possa amar tanto assim, a ponto de oferecer a sua vida por quem o odeia. Parece impossível, mas aconteceu. Os seus amigos viam-n’O viver assim continuamente, e continuavam a dizer: «Nunca vimos coisa igual!», desde o primeiro dia em que O encontraram, por causa desta Sua paixão contínua por todo e qualquer homem, por causa desta Sua paixão por mim, por mim como sou, com estes meus limites evidentes (para além das aparências!). Desde os primeiros dias em que os primeiros O encontraram, continuaram a repetir esta frase («Nunca vimos coisa igual!»), surpresos com a Sua personalidade tão capaz de penetrá-los no íntimo, de descobrir-lhes o caráter. Não se tratava apenas de uma impressão ocasional, de um sentimento que foge.

Muitos de vocês descrevem assim o encontro feito com os Liceus: finalmente não julgados, soltos; não perfeitos, mas preferidos, e não por alguma atuação particular; simplesmente abraçados. Como conta um de vocês: «Pela primeira vez na minha vida, diante das dificuldades encontrei uma presença para mim, que vai além do que sou e sempre consegue ir além do meu incómodo, incentivando-me a sempre deitar mão do melhor daquilo que sou».

Então dizer «Nunca vimos coisa igual!» diante de certas experiências que trazem para fora o melhor de nós, não é uma emoção que passa? Não, porque continuam a ocorrer factos, factos tão “explosivos” que de todas as vezes nos reabraçam, nos retomam, nos reconquistam e não nos deixam embriagar de emoções, mas nos fazem ir a fundo nelas e nos deixam cada vez mais afeiçoados, enchem-nos de uma pergunta – é um bom sinal que nasçam algumas perguntas –: «Mas quem és Tu, que diante de mim, na minha pequenez, do meu nada, me dás tudo isto?» – escreve um de vocês. Outra amiga nossa, falando de tudo o que lhe aconteceu depois da morte da mãe, pergunta: «Quem é que pode tornar maravilhoso até mesmo um facto trágico?». Outro ainda fica conquistado pelo Movimento e diz: «Tudo bem, porque é o início!». Mas depois convida os seus pais e eles também ficam felizes. E então poderia dizer: «Sim, mas eu não sou tão bom. A emoção passou». E no entanto também convida os avós e eles também ficam fascinados. Depois faz uma coisa “impossível”, quase comparável à ressurreição: convida a sua professora de matemática! E ela também fica interessada! Vocês dão-se conta? A professora de matemática: é a revolução do cosmos! Se conquista o coração de uma professora de matemática, quer dizer que vence em todo o mundo mesmo! Não digo isto porque eu tenha algo contra as professoras de matemática – tenho-lhes o maior respeito –, mas para ressaltar o quanto Cristo é grande.

Desde o primeiro dia até o último da vida deles, os apóstolos deparavam-se continuamente com certos factos que escancaravam as suas perguntas; foi uma contínua surpresa com aquilo que Ele fazia, com a forma como sabia olhar para a doença, com a forma como não condenava os pecadores, com a forma como sabia pôr contra a parede os sábios do templo, mas principalmente com a forma como captava profundamente a humanidade deles, tanto que continuavam a repetir: «Nunca vimos coisa igual!». E, assim como este nosso amigo que convidou a professora de matemática, também os discípulos devem ter-se perguntado: «Quem és Tu, que tomou assim a iniciativa nas nossas vidas e nos conquistou assim? Quem és Tu? Nunca vimos coisa igual!». E eu também repito isto, mas não impulsivamente como o digo diante de um pôr-do-sol ou diante de

uma bela noite. Eu digo: «Nunca vimos coisa igual!» diante de uma presença, querendo ir atrás dela, querendo conhecê-la mais, não querendo deixá-la mais. Como conta outro de vocês, que encontrou alguns membros dos Liceus a trabalhar no verão num hotel e ficou encantado com a forma como o trataram, ou seja, como a um irmão, tanto que o convidaram para as férias; mas ele disse-lhes: «Não, eu não sou da Igreja», e não foi. Quando mudou de turno no trabalho, chegaram outros membros dos Liceus não conheciam os primeiros, mas ele viu que também estes o tratavam como a um irmão, como a um amigo, estava bem com eles; e então perguntou: «Quem são vocês?», «Somos dos Liceus». E ele: «Então eu vou às férias!». Não é a emoção de um instante, é uma presença que continua a acontecer e que o deixa cada vez mais afeiçoado àqueles novos amigos. As férias foram ótimas. O verão terminou e esse rapaz pensa: «Ok, agora vou voltar para a vida de antes» (lembra-se de *Non son sincera*, que ouvimos no começo?). Voltou para as aulas, mas mudou de turma, e agora tem um novo colega que lhe diz: «Vamos encontrar-nos para estudar juntos uma destas tardes». Que belas conversas que se têm com esse colega! Tem mesmo uma humanidade íntegra. Então ele começa a contar-lhe sobre o verão e o colega diz: «Sabes, eu também conheci os Liceus». E assim começaram os Liceus na escola deles. O nosso amigo conclui assim a sua história: «Hoje esta companhia faz parte de mim todos os dias». Uma afirmação deste género não depende do facto de durarem as nossas emoções; o ponto é que certos factos são teimosos e não nos deixam. E nós, com todo o turbilhão das nossas emoções, temos de acertar as contas com esses factos; para podermos ver se as nossas emoções, as nossas dúvidas, as nossas perguntas, podem entrar em jogo para entendermos se estes factos são verdadeiros ou não.

O último facto que me comoveu realmente, porque parece ter voltado ao ano zero da Igreja, diz respeito a um amigo nosso que provinha de uma família atea, então não sabia nada de religião. Mas um domingo, o irmão mais novo foi jogar futebol na paróquia, volta para casa e conta sobre o que faziam lá: «Ficamos surpresos – conta – que uma criança fosse à paróquia até aos domingos. Passadas algumas semanas, voltou para casa e explicou-nos a missa; ficamos outra vez espantados. Não ligamos; como é uma criança, qualquer coisa nova que vê é surpreendente para ele. Nas semanas seguintes aconteceu a mesma coisa e depois de algum tempo a minha mãe começou a interessar-se [Percebem? No fim, todas as nossas possíveis emoções têm de acertar as contas com os factos que continuam a acontecer]. Mudamos para outra cidade [tudo parecia ter acabado]; quase que imediatamente eu encontrei os Liceus, e os meus pais encontraram o CL. Um fim de semana, reunidos em casa, começamos a falar disto: uma reflexão depois da outra, demos razão ao meu irmão [focaram os binóculos diante destes factos e disseram: “Talvez, devido a todos estes factos, ele tenha razão”]; realmente existe algo verdadeiro e belo cuja existência não conhecíamos. Não sabíamos sequer o que era uma missa ou o cristianismo, e assim decidimos batizar-nos. Mas não acabou por aqui [não basta a emoção do Batismo recebido], não mudou apenas a passagem de ateus para cristãos, mas mudou tudo. O olhar ao ver as coisas, o comportamento, o relacionamento em casa... antes os meus pais eram muito superficiais no dia a dia, incompreensíveis, ao passo que agora é maravilhoso como eles são; algumas vezes acontece que eles ficam à minha espera acordados depois do encontro dos Liceus para ouvirem como foi. Quanto à pergunta “Nunca vimos coisa igual”, eu digo que nunca tinha visto nada igual, mas nada mesmo! E algo mudou? Sim, mudou tudo!».

Há dois mil anos, teimosamente, obstinadamente e irredutivelmente, na vida de cada um de nós ocorrem factos – que se repetem no tempo, não por um esforço ou por um convencimento das pessoas, mas simplesmente pela iniciativa do Mistério nas nossas vidas - ocorrem factos que suscitam emoções, emoções

que pedem que vamos atrás delas, que provocam perguntas, que originam afeição e um apego, se simplesmente nós não ficarmos na superfície do medo ou do espanto.

«Quem és tu?» «Esta companhia faz parte de mim todos os dias.» «E mudou tudo!»: esta é uma emoção sem razão ou é um sentimento novo da vida, fruto de uma comparação com o coração, que nos faz viver e que nos deixa afeição? Não é uma simples emoção que gira em falso, mas, como diz Giussani, «o espanto inicial [dos discípulos] era um *juízo*», e não um juízo frio, mas «*um juízo que os colava*»; «era como uma cola»<sup>47</sup> que os prendia cada vez mais a Ele. É um juízo cheio de afeição, não é uma emoção que se sacia com sentimentos, mas a descoberta de alguém a quem me afeição, a quem posso entregar toda a minha fraqueza e todas as minhas perguntas, a quem posso dizer: «Tenho dificuldade, não entendi», sem vergonha. Posso ser finalmente eu mesmo, porque nunca me senti tão humano senão na frente d'Ele. Cheios desta afeição, podemos começar a olhar para a nossa humanidade, como Ele a olha: podemos, como Ele, não ter medo de nenhum aspecto da nossa humanidade.

### «A QUEM IREMOS SENHOR, SE NOS FORMOS EMBORA?» (Cf. Jo 6,68)

Na conclusão desta manhã, volto àquilo que eu, juntamente com os outros adultos, tinha de mais importante para lhes dizer. Podemos não ter entendido nada, mas damos-nos conta de que até a nossa incompreensão, como mostramos esta manhã, pode ser útil. Podemos esquecer-nos de tudo o que dizemos e errar de novo mil vezes, mas até o erro pode ser útil, porque aprende-se mais errando do que acertando por engano. Podemos esquecer-nos, distrair-nos, ficar aborrecidos, tomados por diferentes emoções contrastantes, dispersar tudo assim que voltamos para o hotel, mas tudo isto pode ser novamente a ocasião para retomar e redescobrir o que temos de mais importante na vida: redescobrir a única Presença que está à altura da nossa humanidade, tão única no mundo.

Para fazer-nos entender isto, quando fomos ter com ele ontem à noite, o Carrón deu-nos um exemplo fantástico: se tu estiveres a andar pela rua e de repente alguém te olha na cara e te dá um estalo, o que é que tu fazes? Respondes com outro! Mas se, ao chegares a casa, abrires a porta e a tua mãe, que está à tua espera, te dá um estalo, o que é que tu fazes? Perguntas-lhe: “Por quê?”. Veem? Quando uma pessoa encontra uma presença na qual confia, não reage no calor das suas emoções, mas todas as suas emoções, todo o seu espanto, a sua raiva, a sua dor, tornam-se a ocasião de um diálogo, levam-na a perguntar: “Por quê?”. “Por que estou distraído agora?” “Por que razão é que agora tu me fazes isto?” “Por que esta dor?” Tu podes dirigir-te a alguém; a vida é este diálogo estupendo. Como o diálogo de Cristo com o Pai, aquela noite: «Não seja feito como eu quero, mas como tu queres».<sup>48</sup> Assim todos os nossos sentimentos, as nossas incompreensões, as nossas distrações, não são um obstáculo, mas podem servir para nos afeioarmos mais a Cristo, não para fugirmos d'Ele, mas para redescobrirmos que Ele não nos abandona jamais, como no primeiro dia. E a vida torna-se este diálogo.

«O espírito está pronto, mas a carne é fraca».<sup>49</sup> Assim – nós garantimos – com o tempo talvez não fiquemos melhores, mas ficamos mais afeição, cada vez mais conquistados por esta Presença que acontece na nossa

---

<sup>47</sup> L. Giussani, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 33.

<sup>48</sup> Mt 26,39.

<sup>49</sup> Mt 26,41.

vida; cresce a afeição e o desejo de seguir fielmente, não movidos pelo calor do sentimento efêmero, mas como fruto de dar atenção a cada sentimento e julgá-lo, como fruto do reconhecimento cheio de afeição, de emoção verdadeira, por aquilo que nos aconteceu. Como diz Dom Giussani: «A afeição não é uma onda», como os sentimentos, mas é «ceder continuamente à atração da verdade, ser prisioneiro da verdade, da beleza, da justiça. Prisioneiros?!». Não. «Seguidores!».<sup>50</sup>

O testemunho de um amigo nosso, que descreve um situação pela qual acho que muitos de nós já passaram, faz-nos entender bem o que quer dizer seguir, fazer uma comparação de tudo com uma presença. «Uma noite, enquanto toda a turma estava no autocarro [durante um passeio], alguns amigos dos Liceus, juntamente com alguns outros colegas meus, começaram a cantar juntos, de uma maneira meio fraquinha, mas apaixonada. Eu estava com o grupo dos meus amigos “indiferentes”, que imediatamente começaram a insultar os que estavam a cantar, porém sem fazer os meus amigos dos Liceus desistirem de cantar juntos. No meio de tudo isto, apareceu imediata e quase violentamente esta pergunta: sou eu que sou mais feliz, obrigado a ficar sem ação para não me sentir julgado negativamente pelos meus amigos, ou então são eles, que estão juntos de uma forma tão livre de preconceitos que, tendo o desejo de cantar à noite num autocarro à frente de todos, não hesitam nem um segundo?» Veem? Tudo pode ser olhado. No começo envergonhou-se e desprezou-os. Mas o coração é infalível, e então, olhando para aquela vergonha e aquele desprezo, na frente daquela presença tão irreduzível, perguntou-se: «Mas quem é mais livre, quem é mais feliz?». Graças à sua vergonha, graças ao seu não sentir-se “indiferente”, pôde redescobrir, pôde reaproximar-se de quem lhe quer mais bem. Assim continua: «A resposta era evidente, entre os dois eu era o triste, o que não era livre para ser eu mesmo. E logo se tornou evidente que eu nunca tinha visto antes uma amizade que me aceitasse tal qual eu era». Olhar para o sentimento não é o fruto de uma autoanálise, mas é render-se a esta evidência, pôr em primeiro plano esta evidência em relação aos nossos preconceitos, deslocar o próprio centro afetivo daquilo que nos domina (pensamentos, preconceitos nossos e dos outros) para uma presença que acontece teimosamente e nos retoma para podermos ser-lhe fiéis.

O caminho de hoje à tarde na Via Sacra, como o caminho todo da vida, é fazer esta comparação, como fez o nosso amigo: o que me deixa mais livre? O que me deixa mais feliz? O que me faz mais eu mesmo? Mesmo partindo dos próprios preconceitos ou do dos outros, no final a pessoa deve tirar o próprio coração daquilo que pensava, daquilo que os outros pensam dela, e colocá-lo no que realmente dura, ainda que isto custe sacrifício, ainda que isto signifique perder a credibilidade. Haverá na vida, como hoje à tarde durante a Via Sacra, momentos em que nem tudo estará claro, momentos em que o nosso limite e as nossas imagens parecerão tomar a dianteira (o tédio, a distração, o entusiasmo, etc.), como a lente fora de foco do telescópio. E é justamente aí que podemos dizer, cheios desta afeição, como um dia fez São Pedro: «Nós também não entendemos, mas, se formos embora, para onde iremos?».<sup>51</sup> Toda esta confusão é útil para eu entender que somente Tu me fazes realmente humano. Por isso eu sigo-O, não cegamente, mas fielmente, razoavelmente, com toda a minha afeição, com todo o meu coração. Como diz o belo romance de De Wohl – que recomendo –, *A lança de Longino*, que conta a vida de Jesus do ponto de vista de um centurião romano. Num certo momento, descreve-se a figura da pecadora que finalmente se sente perdoada e libertada por Jesus; a sua

---

<sup>50</sup> L. Giussani, em “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 34.

<sup>51</sup> Cf. *Jo* 6,68.

família recusa-a e ela vai procurar os amigos d'Ele – não encontrando Jesus –; e Maria Madalena pergunta-lhe: «Que queres com Ele?», e ela responde: «Não sei mais para onde ir». Eu repito a mesma coisa: não sei bem o que quero da minha vida; ontem a nossa amiga queria a tatuagem, o piercing; eu não quero essas coisas, mas tampouco eu sei o que quero da minha vida, que vida eu espero, mas desejo uma só coisa: quero ir até Ele, porque não sei mais para onde ir. Eu também quero ser “seguidor” desse Homem que me fez ser eu mesmo como nunca antes, ainda que isto dê trabalho, ainda que eu vá errar muitas vezes. Ainda que eu possa ir embora algumas vezes, sei que quero ir até Ele, não sei aonde mais posso ir.

Temos um lugar para o qual voltar, temos uma presença para seguir, não porque já não erramos, não porque já não nos esquecemos, mas porque onde mais, senão com Ele, a minha humanidade é, sem vergonha, finalmente abraçada por aquilo que é? Como conta o último contributo de um de vocês, que no fim do último ano do liceu escreve: «Muitas vezes ainda tenho muita dificuldade [se tu soubesses, amigo, a dificuldade que eu ainda tenho!], fico ferido ou cético, mas de cada vez não consigo, a dado momento, não voltar ao que vi no encontro com muitas pessoas e pensar com simplicidade: “Posso fugir o quanto quiser, mas nunca vi coisa igual”».

Rapaziada, cada um de nós é chamado a este juízo do coração, a procurar um lugar do qual possa dizer, não apenas no calor das emoções, mas com uma verdadeira comoção que dura no tempo: «Não tenho outro lugar para onde ir, porque nunca vi coisa igual!». Assim, cheios de afeição, sejamos seguidores deste Homem que se comoveu até mesmo pelo nosso ódio. Cristo não se detém diante do medo e da distração, não tem medo de olhar frente a frente para a tristeza e de carregar nas suas costas a cruz por nós. Ele continua a morrer como o grão de trigo, porque estamos paralisados pela escravidão dos nossos sentimentos e das nossas emoções que nos deixam com a terra queimada nas mãos.

Cheios de afeição, acompanhamos os passos de Deus, que não deixa de passar na nossa vida, enchendo-nos de espanto. Este é o sentido da Via Sacra de hoje à tarde.

Com um mínimo de afeição, com um mínimo de curiosidade que até quem não é cristão pode ter, caminhamos perguntando-nos: “Mas quem és Tu? Quem és Tu que dás a vida por todos?”. Vamos todos atrás da cruz com este indício mínimo de curiosidade. Não é uma comemoração histórica e não é uma ordem militar a pedir que façamos silêncio. Somos como os amigos de alguém que vai morrer, e por isso nos perguntamos: mas até este ponto? Até este ponto Te comoves por mim, pela minha distração – e enquanto isso eu continuo a distrair-me –, pela minha incompreensão – e enquanto isso eu continuo sem compreender –? Porém esta distração, esta incompreensão, essa palavra que gostaríamos de dizer ao amigo durante a Via Sacra, façamos com que se tornem todas ocasiões para nos perguntar: “Mas quem és Tu para a minha vida?”, e para redescobrir a afeição que temos por este Homem. Por isso procuramos os amigos verdadeiros, não os que vivem na onda da emoção, porque esses são coniventes; mas os que sabem chamar-nos a atenção, os que sabem corrigir-nos para nos devolver a nós mesmos e não para dos tornar como querem eles. Por isso, dois amigos que hoje à tarde se olham em silêncio, chamando-se a atenção para olhar a cruz, são dois amigos verdadeiros. Ontem à noite, cantando com alguns amigos de Bolonha, eu dizia: «Não há coisa mais parecida com o silêncio do que este canto», quando cantam todos juntos. Como cantamos bem ontem à noite seguindo o regente do coro, quando tínhamos de diminuir o volume, quando tínhamos de gritar, quando só um tinha de cantar e todos os outros tinham de ficar calados, éramos como uma só voz, e no entanto cada um se sentia

muitos mais expressado do que se tivesse dito o que lhe vinha na cabeça. Sabem o que há de mais próximo deste cantar juntos, e ainda mais profundo, diria eu? O silêncio. Porque no silêncio acontece a mesma coisa: segues o que acontece como o gesto do regente do coro, e tentas ficar atento a quando se deve falar, para onde se deve olhar, a quando se deve ouvir. O silêncio não é encher a cabeça de pensamentos, porque isso, eu sei, faz-nos medo; mas é tirar cá para fora o teu coração, os teus olhos, os teus ouvidos, as tuas emoções, e colá-los ao que está a acontecer, colá-los à cruz, colá-los àquela palavra do livrinho, colá-los à voz do amigo que está a cantar contigo, deixando que os olhos e o coração sejam preenchidos pelo que está a acontecer. Quem és tu quando fazes silêncio? Tu és a profundidade daquilo que acontece. Quando fazes silêncio e te colas inteiramente ao coro – vocês viram – ficas colado ao maestro que rege, tu és mais tu mesmo do que se dissesses ao teu amigo a primeira parvoíce que te vem à cabeça.

É um desafio. Mas não o proporia se não soubesse o quanto é bonito para mim. Portanto, tentem vocês também! Têm os outros dias todos para dizer a primeira coisa que vos passar pela cabeça, mas tentem ao menos hoje à tarde! Procuremos um amigo que nos ajude a olhar, que nos ajude a seguir em silêncio.

Vamos concluir ouvindo *Dulcis Christe*. Já a partir de agora, tentemos colar o nosso coração, os nossos olhos, os nossos ouvidos a cada palavra. Imaginem este Homem que se comove porque nós o odiamos. Vamos levantar-nos.

*Dulcis Christe*

*Angelus*

## Testemunho de Giorgio Vittadini

*15 de abril, sábado de manhã*

**Pigi Banna.** Todas as manhãs, como Cristo nesta manhã, temos de sair do sepulcro. Não só do sepulcro da nossa cama, mas de um sepulcro ainda mais lacrado, que é o sepulcro dos nossos pensamentos, das nossas emoções confusas, desfocadas, das nossas desilusões, o sepulcro que nos leva a dizer que erramos ontem à noite e que vamos errar de novo esta manhã.

E para nos fazer sair do sepulcro, sabemos que não conseguimos com as nossas forças. Se estávamos à procura, nestes dias, de uma técnica de sobrevivência, asseguro-vos que não as queríamos dar, porque não existem. Se estavam à procura de alguma coisa que faça durar a emoção deste Tríduo, asseguro-vos desde já que não há, que a emoção também vai acabar. Mas eu estou feliz que acabe. Se estavam à procura de uma inteligência particular das coisas que lhes digo, asseguro-vos que não é isso o que queríamos comunicar.

O que queríamos comunicar-lhes, o que está certo, é colocar-vos diante da vida de um homem que há dois mil anos arrombou as portas do seu sepulcro e continua a gritar ao sepulcro da nossa cama, dos nossos pensamentos, das emoções. Como disse o Papa: «Sai lá para fora, que a vida é para ti».

Há dois mil anos que a Sua companhia te grita: «Sai do sepulcro, porque a tua vida é grande». Não asseguramos para nós uma técnica de sobrevivência nem uma moral particular, mas temos a certeza de uma presença que todas as manhãs nos traz o anúncio: «Levanta-se! Olha! Eu estou contigo».

*Angelus*

**Alberto Bonfanti.** Como todos os anos – e não digo por formalidade, mas realmente edificado e impressionado – chegaram muitas perguntas leais e sinceras sobre aquilo que vivemos nestes dias. O coração das perguntas, das várias formulações, foi seguramente o nexos entre sentimento e coração de que falava ontem de manhã o Pe. Pigi. Todas as perguntas que vocês mandaram são expressão do desejo de crescer, tornar-se grande, levar a sério a própria vida, ser protagonista, sem descarregar a própria liberdade sobre os outros, de viver à altura do próprio desejo. Ainda que seja trabalhoso, ainda que este desejo se possa revelar incómodo, como disse ontem à noite uma rapariga uma menina disse ontem durante a assembleia no meu hotel. Queria antes de mais dizer que estas perguntas foram suscitadas por aquilo que vocês viveram, por aquilo que vocês ouviram. Como disse um amigo nestes dias, «vocês fizeram despontar questões que estavam dentro de mim, mas que vieram ao de cima com o que o Pe. Pigi dizia». E isto não é secundário, porque indica um método, diz que o caminho a tomar é dar-mo-nos conta do que vimos, do que aconteceu, do que foi dito. Vamos retomar o conteúdo destes dias no percurso da Escola de Comunidade dos próximos meses. Aquilo que vivemos foi dito mais pelos vossos olhos do que pelas palavras, porque, como diz uma música de Chieffo de que gosto muito, é pelos olhos que se percebe quando a vida recomeça. O que vivemos foi comunicado mais pelos vossos olhos, pela participação, pelo esforço de silêncio que vocês fizeram mesmo entre mil dificuldades, também durante a Via Sacra, pela capacidade de recomeçar perante uma admoestação, como ontem de manhã, quando o Pe. Pigi nos chamou a atenção para o silêncio devido ao modo distraído com que tínhamos entrado no salão. Em suma, fomos tomados por algo que nos atraiu, por alguém que nos comoveu, como tantos escreveram, por algo que nos fez respirar, como escreveu um amigo nosso francês: «É como se me tivessem dado mais um pulmão». E isto é importante, não para nos esquivarmos de qualquer pergunta vossa, de qualquer pergunta nossa, mas porque só se nos dermos conta, se nos apercebermos de que esse espanto,

essa comoção nascem de uma presença que pode dizer ao nosso amigo (ouvimos ontem) em circunstâncias dramáticas: ainda que houvesse uma mulher, uma mãe que se esquecesse de seu filho, eu nunca te esquecerei. Só se nos dermos conta dessa presença é que poderemos enfrentar todo o nosso desejo, todas as nossas perguntas, sem procurar respostas em definições ou em regras de comportamento, como muitas vezes somos tentados a fazer, ou tentando reduzi-las, mas ficando diante destas perguntas com a certeza de que cada uma delas é um passo para o nosso destino. Ouçam como é pertinente em relação ao que vivemos, e que tentei sublinhar brevemente, a mensagem que também este ano o nosso amigo Carrón não quis deixar de nos escrever. Leio-a: «Caríssimos amigos, penso em cada um de vocês dominado pelo desejo de crescer. Crescer significa tomar nas vossas mãos as rédeas da vossa própria vida. Mas isto nem sempre é simples. Às vezes, com efeito, surge-nos a vontade de voltar atrás. Era mais cómodo, menos trabalhoso, quando eram os outros que tinham de enfrentar os problemas por nós. E muitas vezes, volta a pergunta: mas eu quero mesmo crescer, ou prefiro continuar a ser uma criança? Responder ao desejo de crescer exige um amor, uma paixão por si mesmo. Viver à altura do nosso desejo é uma obrigação. E é só para os audazes, como vos digo muitas vezes; é para quem quer ser protagonista na primeira pessoa, sem descarregar a sua própria liberdade sobre os outros. Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que a minha vida pode alcançar. Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é «uma meta que só é possível para quem leva a vida a sério», sem excluir nada: «Amor, estudo, política, dinheiro, até o alimento e o repouso, sem esquecer nada, nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência». A razão desta audácia é a inquebrável certeza de Dom Giussani de que «dentro [...] de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino» (*O sentido religioso*). Que arrepio levantar-se todas as manhãs com a curiosidade de descobrir como cada gesto se pode revelar um passo para o destino, em cada desafio a enfrentar! Só podemos fazê-lo graças à certeza de termos um companheiro de caminho como Jesus. «Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (Mt 28,20). Com a Sua companhia podemos ousar enfrentar qualquer desafio, como nos testemunha alguém que não teve medo de crescer, o Papa Francisco: «Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a *atmosfera do sepulcro*; ao contrário, o Senhor deseja abrir o caminho da vida, do encontro com Ele, da confiança n'Ele, da *ressurreição do coração*, o caminho do «Levanta-te! Levanta-te, sai!». Eis o que nos pede o Senhor, e Ele está ao nosso lado para o fazer» (*Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017). Boa Páscoa! O vosso amigo Julián».

Precisamos de esbarrar com pessoas, de encontrar, estar junto de pessoas que não têm medo de crescer, como o Papa, como o Carrón, como o padre Pigi, mas como tantos entre nós. Este é o valor do testemunho entre nós. Esta é a razão pela qual convidámos, e agradecemos-lhe, o meu pessoal e nosso caríssimo amigo Giorgio Vittadini – professor ordinário de Estatística na Universidade Bicocca de Milão – a quem passo já de seguida a palavra.

**Giorgio Vittadini.** Espero que as palmas sejam para o Albertino, nunca se sabe como vai acabar depois...! Quero falar-lhes do meu estar a caminho aos sessenta e um anos. Começo dizendo que os dois cantos que cantamos no início, *I cieli* e a *Ballata dell'uomo vecchio*,<sup>52</sup> são o *leitmotiv* da minha vida. Em *I cieli* “Ele deu-me”, é certo: eu fui tomado por uma presença boa através de tudo o que recebi de bem. Vou tentar contar-lhes. E digo que fui tomado não porque um dia tenha tido uma aparição, mas através da realidade “normal”. O primeiro ponto da realidade em que fui tomado pelo Senhor foi o meu desejo. Desejo, até à tristeza, como na *Ballata dell'uomo vecchio*. A primeira

---

<sup>52</sup> C. Chieffo, «I cieli» e «Ballata dell'uomo vecchio», em *Cancioneiro*, Comunhão e Libertação, Coimbra, pp. 194 e 182.

parte daquilo que vos conto quer comentar esta passagem de Julián Carrón: «Responder ao desejo de crescer exige um amor, uma paixão por si mesmo. Viver à altura do nosso desejo é uma obrigação. E é só para os audazes, [...] para quem quer ser protagonista na primeira pessoa, sem descarregar a sua própria liberdade sobre os outros».<sup>53</sup> Quero mostrar-lhes como este desejo se manifestou na minha vida, ainda que no início de uma forma não consciente. E por isso queria que começássemos com uma canção de Enzo Jannacci, *Pedro pedreiro*,<sup>54</sup> porque aquilo que vocês vão ouvir na canção sou eu na vossa idade e também depois.

### *Pedro Pedreiro*

Eu era um rapaz normal... bem, talvez não propriamente normal... De qualquer maneira, eu ia muito bem na escola, mas no resto, o que quer que acontecesse ou imaginasse, nunca me bastava. Jogava à bola mas não me bastava. Não me bastava ir bem na escola. Não me bastavam os amigos. Tinha dentro de mim uma grande inquietação. Como me incomodava que as pessoas me tomassem pela inteligência e deitassem fora tudo o resto, então fazia coisas estranhas. Por exemplo, apostava cem liras em como me atirava para dentro de uma poça, ou que comeria a embalagem de cartão da cerveja. Fazer coisas idiotas expressava o meu desejo de não ser comprado pelos outros. Lembro-me de que a minha professora do terceiro ciclo me disse: «Eu vou pôr-te nos eixos, porque você – como se diz habitualmente – és inteligente mas indisciplinado». Tudo acabou comigo sem mudar e ela ficou com um esgotamento.

Tu percebes que quando tens dentro de ti algo deste género, um desejo tão irrompente, facilmente sentes que todos te querem normalizar, valorizando normalmente, porém, aquilo que tu fazes com a outra mão, e que não é para ti tão importante; no meu caso, o estudo. Mas não pode ser bom para ti, porque o que esperavas era uma coisa bem diferente. Como diz a canção: «Espera alguma coisa maior do que o seu mundo, maior do que o mar». Lembro-me de que me mandaram fazer uma redação sobre a importância da Europa. Eu escrevi que não só a europa era pequena para mim, como também a Itália, o bairro, a escola, e que qualquer âmbito de pertencimento me parecia opressivo. Marcaram a minha redação com caneta vermelha, e por pouco não me mandaram para o reformatório. Não sei se vocês já passaram pela situação de ter algo de crucial dentro de vocês que os outros não entendem... Como o príncipezinho de Saint-Exupéry, que mostrava aos adultos o desenho de uma jibóia que tinha engolido um elefante, mas eles viam um chapéu... Percebes que, se esperas algo de grande, a normalidade te parece apertada. Ao mesmo tempo, porém, eu tinha a sensação de que algo de belo e de grande acontecia na realidade, que os meus sonhos não eram só sonhos impossíveis. Por exemplo, eu ouvia meu avô contar sobre a bela vida que levavam no campo, com as pessoas que ficavam juntas e se queriam bem, e entristecia-me pensar que isto já não acontecia. De qualquer maneira, a ideia de “entrar nos eixos”, numa vida que fosse carreira, roupas bonitas, festas, deixava-me louco, eu não “encaixava”. Por sorte, o comboio chegou. Chegou o comboio, que para mim foi o encontro com o movimento, primeiro com um professor no liceu, e depois na universidade, com uma companhia que, pela primeira vez, em vez de dar destaque como todos os outros à “normalidade”, falava daquela inquietação estranha, da necessidade que eu tinha em mim e que não sabia sequer o que era.

---

<sup>53</sup> Ver aqui, p. 1.

<sup>54</sup> *Pedro Pedreiro*, letra e música de Chico Buarque; texto italiano de Giorgio Calabrese e Enzo Jannacci, do álbum *Vengo anch'io. No, tu no*, (1968).

Este encontro foi «a noite em que vi as estrelas», como diz a canção do Claudio Chieffo.<sup>55</sup> Na “noite em que vi as estrelas” não dormi nem um minuto, mas pude sonhar com tudo o que poderia ser a vida num mundo em que finalmente eu dava importância à ferida que tenho em mim, à pergunta que me determina, à vontade de felicidade tão incômoda, à ansiedade de achar que nada do que existe funciona. E comecei, assim, uma aventura, uma aventura total. Eu vivi nos anos do liceu e da universidade uma aventura completa, do estudo à amizade, graças a uma companhia humana plena. Até àquele momento, eu sempre tinha achado que a amizade no mundo católico era funcional: «Temos que estar juntos porque assim fazemos o bem», «temos que estar juntos porque assim estudamos e melhoramos». Com estes novos amigos, no entanto, comecei a estar junto gosto, pelo prazer de estar junto, de partilhar a vida e também de entendê-la melhor. Não eram anos fáceis, quando eu estava na universidade havia o terrorismo. Juntamente com os meus amigos, queríamos entender e julgar mais a fundo também o que estava a acontecer no nosso país, para além do choque ideológico em ação nos jornais, para além das simplificações fáceis que diziam «os terroristas têm razão, ainda que sejam violentos», ou então «a polícia deve expulsá-los a todos». Queríamos olhar para as coisas de uma maneira diferente, com base na experiência de bem e de fé que fazíamos. Depois procurávamos ajudar quem mais precisava, por exemplo, procurando vagas em apartamentos baratos, fazendo as sebtas dos cursos ou estudando juntos (como Portofranco faz hoje). Dedicávamos muito tempo a momentos em que se discutia sobre a experiência que se fazia, sobre a nossa procura da verdade, daquilo que desejávamos.

Até aquele momento da vida, eu tinha encontrado principalmente adultos pelos quais me sentia “descascado” como uma maçã: «Tu és bom, inteligente... mas vamos tirar a casca – ou seja, a parte irracional – e assim tu ficas mais bonito, mais polpudo...». Porém, pela primeira vez na vida, encontrei alguém que não me descascou, que percebeu que a parte mais verdadeira de mim era a casca, a parte fraca, a parte das poças, a parte desta pergunta do Pedro Pedreiro, confusa mas autêntica. Pela primeira vez encontrei alguém que me tomou assim, que percebeu que esta inquietação exprimia um desejo profundo, verdadeiro. Então, pensem naquilo que mais gostariam de mudar em vocês: na verdade, isso não é algo para eliminar, mas é antes de mais expressão de algo profundo que vocês ainda têm de descobrir. É sinal do facto de que não podemos “entrar nos eixos”, que é normal não “encaixar”. Não há esquema em que possamos entrar. Antigamente o esquema era: um bom casamento, uma posição, um trabalho no banco... Que, em si, não são certamente coisas negativas, mas não podem ser suficientes. O que vocês têm lá dentro, aquela inquietação estranha, aquela pergunta: esta companhia levou a sério tudo isso. Dom Giussani percebeu o que eu tinha dentro de mim. E graças a isso pude recomeçar.

Mas como o Senhor constrói, não bastou tê-lo experimentado uma vez. Terminei a faculdade nesta companhia, nota máxima e louvor em Economia, e a perspectiva de ficar na universidade. E aí acontece a primeira provação grave da minha vida: uma pessoa muito querida ficou doente com uma depressão profunda. Imaginem um rapaz de dezanove anos que fica todo o dia em casa com as cortinas fechadas sem fazer nada durante um ano, sem perspectivas, não conseguindo viver. Eu não conseguia aguentar aquilo.

Perguntava-me que sentido tinha toda aquela dor. E mesmo que o mundo estivesse bem, que eu estivesse bem, com aquela pessoa assim, para que servia a vida? Pela primeira vez experimentei a tristeza de que fala Chieffo, aquela de «mil séculos»: a impossibilidade de viver. Ainda não tinha tido pensamentos particulares sobre a vocação: não tinha namorada, mas também nunca tinha pensado na virgindade. Depois daquela

---

<sup>55</sup> C. Chieffo, «La notte che ho visto le stelle», em *Canti*, op. cit., pp. 236-237.

experiência, tive uma intuição da qual fui falar a Dom Giussani: «Se estas coisas acontecem, se um rapaz jovem tem de viver um sofrimento assim, há duas hipóteses: ou é tudo um absurdo, mesmo tudo o que encontrei de belo, ou a única coisa é juntar-me com Aquele que faz tudo. Porque Ele, na vida, tem de me dar razão daquilo que acontece». Dizia-lhe: «Talvez o meu caminho seja o dos *Memoires Domini*, de uma virgindade de leigo no mundo». Giussani disse-me que era uma boa razão para verificar esse caminho. E assim, como desafio a Deus, nasceu a minha vocação para a virgindade, como pedido para que me fosse dada a razão de tudo o que existe na realidade, não só da parte bonita, correspondente: «Em vez de fazer-te guerra, junto-me a ti, mas quero entender». E ali nasceu esta vocação que depois foi para a frente nos *Memoires Domini*.

Digo-vos só mais uma coisa sobre este ponto: a minha vida foi uma história de encontros contínuos com alguém que, como Giussani, sublinhou a presença desta desproporção entre o que se deseja e o que vivemos. Ou seja, diante de perguntas, mesmo que dilacerantes, em vez de me dar explicações teóricas sobre os factos e sobre o mundo, Deus fez-me encontrar pessoas. E para mim cada pessoa é única, é irrepetível, tem o seu fascínio. Porque na vocação cristã todos contam. Como o mendigo da canção *El portava i scarp del tennis*:<sup>56</sup> parecia não ser ninguém, mas não para Enzo Jannacci, que a cantava. Dou-vos só dois exemplos do que significou um modo diferente de viver a relação com as pessoas. Um diz respeito ao próprio Jannacci. Depois do Meeting de 2009, depois de ter falado da carícia do Nazareno a propósito da morte de Eluana Englaro – um caso que chocou a Itália – nasceu uma grande amizade com ele. E uniam-nos justamente as duas coisas de que falei. Quando veio a Portofranco, o Albertino perguntou-lhe: «O que desejas a estes jovens?», «Desejo toda a felicidade que o Nazareno prometeu com a carícia, e a ferida. A carícia, dada aquele dia àquela pessoa, pobre».<sup>57</sup> Cada uma destas amizades que vivi na vida foi a partilha da ferida, a necessidade de impossível que nos constitui, e a carícia, o sinal do Senhor que te diz: «Não tenhas medo desta ferida, caminhamos juntos».

O segundo exemplo diz respeito à relação com as mulheres. Pode parecer estranho para alguém que vive a vocação da virgindade, mas isto é um aspecto que me permitiu experimentar o que é a profundidade de um relacionamento: não é possuir, mas apaixonar-se pela vida do outro, pelo facto de que o outro se realize. Em *É possível viver assim?*, Dom Giussani fala da relação entre Madalena e Jesus e pergunta: quem possuía mais Madalena, eram todos os amantes que ela tinha tido ou Jesus quando olhava para ela? Ama-se uma mulher mais profundamente do que com o sexo, olhando-a a um metro de distância. Gostaria muito de que todos chegassem a experimentar isto, porque é mais verdadeiro, é infinitamente mais profundo e satisfatório.

Eu poderia continuar, mas quero dizer que a minha vida desde então foi de uma fecundidade afetiva impressionante.

Antes de passar a outro assunto, digo-vos ainda isto: que há uma fecundidade na vida, uma afeição, uma diversidade de gosto, que nasce da tristeza, do dar importância à ferida, de olhar-se pelo destino que é como a fecundidade dos apóstolos com Jesus. E eu estou a viver isso. De facto, deste ponto de vista, não me parece que tenho sessenta e um anos, parece-me que tenho vinte.

Agora quero comentar a outra parte da frase de Carrón que citei, a que diz: «Sou eu que quero descobrir toda a beleza da vida, toda a intensidade que a minha vida pode alcançar. Descobri-lo, recorda-nos Dom Giussani, é “uma meta que só é possível para quem leva a vida a sério”, sem excluir nada: “Amor, estudo, política, dinheiro, até o

---

<sup>56</sup> *El portava i scarp del tennis*, letra e música de Enzo Jannacci (1964).

<sup>57</sup> E. Jannacci, «La ferita che ho nel cuore», entrevista de Paolo Perego, *Tracce-Litterae communionis*, Janeiro de 2012, p. 88.

alimento e o repouso, sem esquecer nada, nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência”. A razão desta audácia é a inquebrável certeza de Dom Giussani de que «dentro [...] de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino». <sup>58</sup> A riqueza da minha vida, a que me referi antes, não é ser boa pessoa, mas implica o que Carrón diz nesta frase. Como disse o Papa em Monza, falando do anúncio do Anjo a Nossa Senhora, esse encontro coloca o impossível dentro da vida. Procurar Jesus não quer dizer esperar que aconteça algo sem fazer nada. E Ele não acontece em virtude de algo que se faz. Existir o impossível na realidade significa que eu posso continuar a procurá-lo, sem nunca perder a força de esperá-lo e assim reconhecer os sinais inconfundíveis da Sua presença onde ocorrerem. O facto de Jesus estar presente significa que eu nunca posso abandonar a vida, em qualquer condição.

Explico-lhes este ponto falando do meu trabalho. Muitos me vêm pedir sugestões sobre que trabalho fazer e me dizem justamente o que desejam. Pois bem, que se pode sempre ir em frente, que a vida não trai porque Jesus está presente, também isso eu vi pelo facto de ter errado completamente na escolha do trabalho: queria ser historiador, virei estatístico. Por quê? Eu gostava de História, mas meu pai defendia que estudar História não me garantiria um futuro. Passámos o Verão depois da conclusão do liceu discutindo violentamente. No início de setembro eu ainda não tinha decidido o que fazer. Lembro-me de que uma tarde peguei na bicicleta (meio que ainda agora uso, porque não tenho carta de condução), cheguei à praça Piemonte, entrei numa cabine telefónica (que talvez vocês nem saibam o que é...), inseri a moeda (idem) e telefonei para o meu professor do liceu: «Ouve, isto aqui está uma confusão, não sei que faculdade escolher». Ele sugeriu inscrever-me em Economia, porque no programa de estudos desse curso há muita história. E eu, que não me interessava por economia e o único jornal cor-de-rosa que concebia era *A gazeta desportiva*, e não certamente *O sol 24 horas*, vinte minutos depois estava na Universidade Católica para me inscrever em Economia. Também graças aos amigos do Movimento que tinha encontrado, comecei a gostar daquilo que estava a estudar e, melhor ainda, a apaixonar-me, a ter perguntas – por exemplo a respeito da relação entre a economia, o trabalho e a vida das pessoas. Depois da licenciatura, surgiu a oportunidade de prosseguir os estudos no estrangeiro, mas renunciei por causa de um problema familiar. Nessa altura, Dom Giussani sugeriu-me que eu tentasse prosseguir os estudos numa universidade em Milão, mas naquele momento parecia que não havia vagas disponíveis. Num encontro com alguns adultos, o assunto veio à tona, cada um dava uma sugestão. A dado momento, um professor disse que tinha aberto uma vaga na faculdade de Estatística.

Encontrava-me de novo numa situação limítrofe: ocupar-me de estatística quando não tinha um grande *feeling* com a matemática, que tinha deixado como última disciplina para acabar o secundário.

Tive de passar a lidar com livros em inglês, cheios de fórmulas escritas com letras gregas. Durante muito tempo, repugnava-me o que tinha de estudar, sentia que não tinha nada a ver comigo. Parecia que ia morrer: lá fora estava o sol e eu tinha à minha frente aquela coisa ali.

Digo-vos desde já que considero o milagre da minha vida o facto de agora gostar do trabalho que faço.

O que demonstra que diante do impossível se pode recomeçar. Como escreve Manzoni a propósito da monja de Monza: aceitar uma condição mesmo sem a ter escolhido, ainda que seja fruto de um erro, pode tornar-se o primeiro passo para fazer uma viragem.

O momento crucial deste passo foi quando, a dado momento, Giussani me disse que, ainda que não fosse certo se eu ia conseguir (naquele momento o estudo era muito difícil para mim), se eu oferecesse o meu estudo ao Senhor, que está ali presente, o que eu estava a fazer podia tornar-se interessante. E este é o ponto de

---

<sup>58</sup> Ver aqui, p. 1.

viragem que põe em comum o trabalho de todos os tempos, para todos os que creem. Quem foi trabalhar nas minas, ou quem emigrou, não vivia com certeza uma situação melhor do que a minha. Eu posso imitar o Senhor aceitando a condição em que estou. Podemos fazer o que fazemos, qualquer que seja a coisa, contigo, Senhor, porque estás aqui comigo. Esta novidade da oferta começou a fazer com que as fórmulas fossem menos hostis para mim. Pouco tempo depois, encontrei um professor interessante e comecei a apaixonar-me por aquilo em que estávamos a trabalhar juntos.

E digo-lhes agora como aconteceu: comecei a perceber que aquelas fórmulas explicavam um pedaço da realidade, e que, então, misteriosamente, tinham a ver com um pedaço da verdade. Resolver um teorema era como chegar a alguém que estava à minha esperando no fundo da fórmula, e aquilo com que eu me ocupava não era a procura do nada. Vejam que isto diz respeito a todo tipo de estudo, porque – pensem – é possível comunicar coisas lindíssimas numa língua estrangeira sem estudar a gramática? É possível aprender karaté sem «põe cera, tira a cera», como se vê no filme *Karate Kid*? É preciso aprender a entrar na realidade, mesmo naquela que parece hostil, mas que tem sempre uma fresta, e há alguém que te espera.

Assim, pouco a pouco, nasceu em mim o fascínio pela pesquisa, apaixonei-me por esta matéria que parecia ser o oposto de mim. E continuei a ser um “humanista”; com efeito, no tempo livre leio muita coisa desse género. Se eu consegui vencer erros e medos, vocês também podem conseguir. Todos têm medo de errar, eu errei e estou feliz... Imaginem! Alguém que não erra poderia não estar mais feliz do que eu.

Mas este gosto precisa de outra coisa. Porque, depois da beleza da descoberta do que nos corresponde, é preciso vergarmo-nos à realidade. Para mim, que sou desorganizado, ter de me tornar uma pessoa precisa, por exemplo (porque se tu erras uma vírgula estragas toda a demonstração), não foi fácil. Lembro-me como se fosse hoje do meu primeiro trabalho: tinha de calcular o fluxo de pessoas na província de Bérgamo. Construí o meu belo algoritmo estatístico, fiquei todo feliz, e fui falar com o professor. Ele olhou e depois me disse: «Bom esse trabalho, mas em Calolziocorte (LC) há muitos hotéis?». «Porquê?», digo. «Porque, pelos teus cálculos, entram cem de manhã e saem trinta à noite, então setenta ficam lá para dormir?». Eu tinha construído o meu modelo estatístico e estava satisfeito. Pena que não tinha feito as contas para conferir. Naquele momento, pela primeira vez percebi que, assim como uma mãe que ama o seu filho também tem de limpar o seu rabinho, é preciso debruçarmo-nos sobre os diversos aspectos da realidade. Quando se repetem os verbos gregos, as desinências, quando se estuda inglês... é preciso enfrentar o aborrecimento porque, evidentemente, o fascínio não é suficiente para nos mudar. E também este aspecto que no começo era chato se tornou um prazer, a beleza de favorecer e amar a realidade tal como é, de não fazer apenas as coisas fascinantes do trabalho. O que é que os pagãos faziam? Só tratavam do trabalho intelectual e deixavam o trabalho manual para os escravos. Depois Jesus chegou, trabalhou como carpinteiro e disse que tudo é bom, e daquele momento em diante todos os trabalhos se tornaram dignos, ou seja, podem ser nossos, não vividos contra nós mesmos.

Quantos erros se fazem, e temos sempre medo disso. No meu trabalho, acontece que podemos trabalhar um ano num artigo, e a revista à qual está destinado pode recusá-lo, ou então assinalar o que está errado. Lembro-me de que fui a um congresso para apresentar um artigo que foi criticado. Voltei para falar com meu professor e disse-lhe que na verdade eu não tinha errado e – como o italiano típico faz – e que o árbitro estava comprado. Ele respondeu que, pelo contrário, quem me tinha criticado tinha razão e sugeriu-me ir-lhe pedir explicações porque só assim eu aprenderia. A humilhação de errar, de tirar um quatro, de perceber que não sabemos, de ter de recomeçar admitindo o fracasso. Até isto com o tempo se tornou interessante. Porque perceber um erro se torna uma ocasião preciosa

para evoluir, para mudar.

Agora eu gosto desse trabalho, ainda que não seja aquele para o qual eu estava mais predisposto, mas tornou-se meu. No começo da minha carreira universitária, eu tinha outra objeção: que não teria tempo para me ocupar com outra coisa além do que a profissão universitária me pedia. Contudo aconteceu o contrário. Ocupei-me numa associação de empresas, a Companhia das Obras, e de muitas obras sociais, como a Avsi e o Banco Alimentar, e obras culturais, como o Meeting. Uma experiência cristã torna-nos curiosos e desejosos de entender o contexto em que estamos. Penso na ocasião que tive com o Meeting de encontrar muitas pessoas, algumas entre as mais importantes da cena pública italiana. Não o fizemos pelo prazer do prestígio ou do poder, mas justamente pelo desejo de conhecer de verificar a nossa experiência e compará-la com a dos outros.

Agora quero falar-lhes da última parte, do lado negro da força. Assim como em Star Wars, também há o lado negro que é a queda do desejo, e acontece também numa vida tão plena e satisfatória como penso que a minha é. Sobre isto, leio um texto do Papa Francisco: «Não nos deixemos aprisionar pela tentação de permanecer sozinhos e sem confiança a chorar pelo que nos acontece; não cedamos à lógica inútil e inconcludente do medo, a repetir resignados que tudo corre mal e nada é como outrora. Esta é a *atmosfera do sepulcro*». Bem, comigo acontece viver a atmosfera do sepulcro. E para introduzir esta última parte, peço que cantem outro canto de Jannacci, *L'uomo a metà*.<sup>59</sup>

#### *L'uomo a metà*

O que quer dizer que «a vida se ajusta, mas não estaremos lá»? Que na minha vida, esta vida tão rica, posso nem sequer me dar conta da guerra que há. Falo disto porque assim vocês percebem que, se eu consigo, todos o podem fazer.

O lado negro aparece das formas mais díspares. Penso em como determinam o meu humor certos eventos desportivos, como por exemplo o desempenho do meu jogador preferido, Antonio Cassano; no quanto sou sensível às críticas (uma vez Dom Giussani disse-me: ou és diabólico ou és paranóico, escolhe. E eu: paranóico); no quanto posso estar ausente ou entediado; em quantas vezes não assumi a responsabilidade das minhas escolhas (penso no trabalho, porque antes de aceitar o meu caminho, por um longo tempo, pus a culpa daquela escolha em Giussani). Quantas vezes fiquei zangado com o mundo pelas coisas que não funcionam, pelos projetos que não têm sucesso. E quantas vezes, como no canto *Il monologo di Giuda*<sup>60</sup> pensei: mas o reino não vem. Lembro-me de uma vez em que estive em Nova Iorque para encontrar a nossa comunidade. Estava a atravessar o Bronx e pensava: deveria poder ver-se a fé, deveria mudar o mundo, mas nós aqui somos quatro gatos pingados e também conflituosos. Seria esta a salvação do mundo? Eu não duvidava de que Deus e Jesus existiam, mas como podes dizer que Jesus vence diante de todos estes limites?

E depois o teu mal. Quando me confesso, eu faço uma lista. O problema é que a lista é sempre a mesma. De todas as vezes eu digo a mim mesmo: caramba, como aquelas da última vez...

Para não falar da dor inocente: diante das tragédias, dos mortos na guerra, dos soldados desconhecidos, dos terremotos. Há um trecho de Dostoievski, *n'Os irmãos Karamazov*, em que Ivan fala de uma criança desfeita pelos cães devido à maldade do patrão, e diz: «Ouve: se todos têm de sofrer para com o seu sofrimento comprar a

---

<sup>59</sup> *L'uomo a metà*, letra e música de Enzo e Paolo Jannacci, do álbum *L'uomo a metà* (Ala Bianca, 2003).

<sup>60</sup> C. Chieffo, «Il monologo di Giuda», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 198-199.

harmonia eterna, o que é que as crianças têm a ver com isso, podes fazer o favor de me dizer? É absolutamente incompreensível por que razão elas também devem sofrer e por que razão devem comprar esta harmonia com os seus sofrimentos! [...] Enquanto for a tempo, portanto, eu me apressarei a me proteger, e por isso recuso-me absolutamente a aceitar esta harmonia eterna. [...] E se os sofrimentos das crianças servirem para completar aquela soma de sofrimentos que era necessária para comprar a verdade, afirmo de antemão que toda a verdade não vale um preço semelhante».<sup>61</sup>

Penso em quantos motivos tenho na minha vida para estar feliz, porém quantas coisas tornam a vida escura, apesar do movimento, apedar do Grupo Adulto, apesar de Jesus, apesar de tudo. Nunca me droguei, mas entendo a necessidade de esquecer toda esta dor, porque às vezes é lancinante demais. E quando somos suficientemente inteligentes para não consumirmos as drogas verdadeiras que acarretam danos graves, podemos sempre drogar-nos com amigos, com coisas para fazer...

Sobre isto, em determinado momento, houve um salto na minha experiência. Um dia tentei não resistir à dor, à solidão, ao mal, à ferida. Não me opus à sensação de vazio, à voragem que tudo isso causava em mim. E disse: quero ver aonde me leva esta dor, não quero dar respostas coladas por cima, quero sentir onde vai acabar, porque não posso viver como o Dr. Jekyll e o Mr. Hyde, bonito em público e em privado voraz. E comecei a perceber que no fundo desta escuridão, como diz *Il mio volto*,<sup>62</sup> a linda canção de Adriana Mascagni, há alguma coisa, um outro que está em mim e que não me deixa sentir sozinho. Porque o homem é feito para a felicidade. E se tu chegas ao fundo da escuridão a voz renasce (para citar outra canção dela, *Povera voce*). No fundo da escuridão, diminuíram todas as coisas que me colocavam entraves, e a luz renasceu. E senti a vontade de me ajoelhar. Desde então, muitas vezes, no fundo da escuridão, renasceu em mim um grito. No fundo da escuridão, uma vez que fomos feitos para a felicidade, não podemos suportar a escuridão, mas não devemos ser burgueses na escuridão, não devemos deter-nos no meio da escuridão, porque a droga é parar no meio da escuridão. Não debes negar que existe a escuridão. Então, a única coisa que podes fazer é ajoelhar. Como daquela vez, quando morreu inesperadamente a mulher do Giancarlo, um querido amigo meu. Eu não sabia o que fazer. Então, à noite, pedi que me levassem até Caravaggio, que naturalmente estava fechado, e andei durante uma hora à volta do santuário. Naquele momento, a minha vida era só o pedido. Quando estás no fundo da escuridão, renasce em ti a pobre voz, renasce uma luz, renasce a o pedido de significado, mais verdadeiro do que em qualquer outro momento. Naquele momento há somente a vontade do verdadeiro eu, «a tristeza que não existe». «Fica ainda aqui».<sup>63</sup> Renasce em ti aquele canto, justamente porque a escuridão te levou aquilo que te reconfortava todos os dias, mas não conseguiu anular aquele fluxo de vida que tu tens dentro de ti. A vida renasce se tu aceites ficar sozinho, até ao fundo, com esta pergunta que é a de todos os homens, a de todos os que não encontraram Cristo e também a dos que o encontraram, a pergunta das pessoas que se drogam, a dos pobres, a de quem está sem esperança, a tua própria.

Eu sou cristão, mas não consegui, vivo com esta escuridão. Mas redescobrir esta pergunta faz-me recomeçar. E acontece aquilo que Pirandello narrou de forma maravilhosa num conto seu, *Ciàula scopre la luna*, que fala de um rapaz que trabalha numa mina de enxofre, um pobre coitado que não tem nada e trabalha o dia todo como um animal, indo para lá e para cá nos túneis de uma mina empurrando os carrinhos com enxofre. Deixem-me ler

---

<sup>61</sup> F.M. Dostoievski, *I fratelli Karamazov*, Bur, Milão 2012, pp. 327-328.

<sup>62</sup> A. Mascagni, «Il mio volto», em *Cancioneiro*, op. cit., pp. 223-224.

<sup>63</sup> C. Chieffo, «Ballata dell'uomo vecchio», em *Cancioneiro*, op. cit., p. 182.

algumas linhas. Enquanto, de noite, Ciàula está a empurrar nas profundezas da escuridão o carrinho de enxofre, apercebe-se de algo. «Só se apercebeu quando estava nos últimos degraus. Primeiro, por mais que lhe parecesse estranho, pensou que fossem as últimas luzes do dia. Mas a claridade aumentava, aumentava cada vez mais, como se o sol, que ele vira pôr-se, tivesse nascido de novo. Seria possível? Ficou – assim que chegou ao ar livre – boquiaberto. A carga caiu-lhe das costas. Levantou um pouco os braços; abriu as mãos escuras naquela claridade prateada. Grande, plácida, como num fresco, luminoso oceano de silêncio, deparava-se-lhe a lua. Sim, ele sabia, sabia o que era; mas como tantas coisas se sabem, às quais nunca se deu importância. E que podia importar a Ciàula haver no céu a Lua? Agora, só agora, ao ar livre, à noite, saindo do ventre da terra, ele a descobria. Estático, caiu sentado na sua carga, diante do buraco. Ei-la, ei-la, ei-la ali, a Lua... A Lua existia! A Lua! E Ciàula pôs-se a chorar, sem o saber, sem o querer, pelo grande conforto, pela grande doçura que sentia, ao tê-la descoberto, ali, enquanto ela subia pelo céu, a Lua, com seu amplo véu de luz, inconsciente dos montes, das planícies, dos vales que iluminava, inconsciente dele, que graças a ela já não sentia medo nem se sentia cansado, na noite agora cheia do seu encanto».<sup>64</sup>

Quando uma pessoa tem uma ferida e a olha até ao fundo, dá-se conta da beleza, dá-se conta da luz, como Ciàula. E o que foi a lua na minha vida? Eu apercebi-me, num determinado ponto do caminho, como aquele de Dante no Inferno, que o Carrón, por exemplo, era feliz, e que a presença de Jesus na sua vida era um facto concreto. Quando morreu o filho de um amigo nosso num acidente de carro, Carrón disse-lhe: «Ele foi levado por Cristo. Cristo quis levá-lo consigo cumprindo o seu destino». Então recomecei a seguir esta aventura de fé com uma profundidade maior; comecei a ver com o canto dos olhos a estranheza de quem via a beleza, mesmo na consciência do mal, do limite; comecei a ver que o cristianismo era mais profundo do que eu pensava, porque havia quem pudesse atravessar qualquer circunstância e continuar a ver a lua.

Assim comecei a ver que a vida da Igreja sempre foi assim: em todas as épocas, perante os momentos mais trágicos, estiveram presentes os santos. Como os do segundo e do terceiro século que, diante das pestilências, enquanto o médico pagão Gallieno fugiu, ficaram para cuidar dos doentes e muitas vezes morriam com eles. São Cipriano dizia: «Mas tendes medo, cristãos? Será que não podeis dar a vida?». E esta foi uma fonte de grande conversão. E depois, pensem, São Pedro Claver, que passou a sua vida nos barcos com os escravos que partiam acorrentados de África, para lhes dar conforto. São Vicente, que inventou as formas modernas da caridade com os pobres mais pobres. São Camilo, que era um fracassado, um ex-soldado, que gostava do jogo, expulso das ordens religiosas, encontrando-se no hospital de cuidados paliativos em Roma com uma perna gangrenada, começou a cuidar dos doentes e inventou o hospital moderno. São João de Deus, que começou a cuidar dos loucos abandonados por todos. E Santa Francesca Cabrini, que se dedicou aos imigrantes nos Estados Unidos, como os *boat people* que temos hoje no Mediterrâneo. E São João Bosco, que cuidou dos miúdos de rua. O Padre Gnocchi, que acompanhou os soldados alpinos no combate na Rússia. E depois Madre Teresa, o Padre Orione, que quando houve o terremoto de Messina com cento e vinte mil mortos ficou durante três anos a ajudar a população que não tinha mais nada. Quando existe o mal, vê-se esta vida que renasce.

Mas eu vi isto sobretudo em quem, doente, ou passando por alguma dificuldade na vida, mostra esperança. Dou-vos um exemplo: a minha mãe. A minha mãe morreu em 2005, depois de oito anos de doença. Ela também tinha encontrado o movimento. Quando ficou doente, pediu-me que perguntasse a Dom Giussani a quem poderia

---

<sup>64</sup> L. Pirandello, *Novelle per un anno*, I Meridiani vol. II, Arnoldo Mondadori, Milão 1985.

oferecer a sua doença. Dom Giussani respondeu logo: «Diz-lhe para oferecer tudo pelos *Memores Domini*». E ela assim fez. Quatro dias antes de morrer, quis festejar os cinquenta anos de casamento na mesma igreja em que se tinha casado, a mesma igreja onde quatro dias depois celebraríamos o seu funeral. Resistiu porque queria festejar, agradecer ao Senhor a vida que lhe tinha dado. O padre disse-me que ela lhe tinha contado que, quando se casou, estava muito emocionada com o pressentimento de que naquele dia começaria uma grande e rica experiência de vida. Durante a festa dos cinquenta anos, já quase não se aguentava em pé, mas quis agradecer o Senhor, porque tinha-se verificado precisamente aquele pressentimento do dia do casamento, apesar de todas as dificuldades da vida. Foi uma mulher cheia de vida até ao fim, e no dia em que foi internada no hospital, saindo de casa deixou a herança espiritual à família: «Não se esqueçam, tratem das flores e do cão». Na família somos todos um pouco materialistas! O padre, na homilia, contou que ela costumava dizer-lhe: «O tumor é pesado, mas eu ofereço. E isto torna-o positivo para mim». Eu vi na minha mãe, até o fim, um hino à vida, o milagre que a aceitação da escuridão traz, o milagre da vida que vence. Como aquele outro amigo, também ele doente. Enquanto esteve internado, trabalhava com o compasso e a madeira, e dois dias antes de morrer deu-me uma obra dele que ainda tenho na minha escrivaninha. É um «tu» feito de madeira. Queria dizer-me que só aquilo contava. Este é o milagre da minha vida: que a escuridão que eu experimento se abre sempre em algo diferente. Há algum tempo, durante uma audiência, o Papa foi abordado por um miúdo do liceu que lhe disse: «Tenho um amigo que está com um cancro». E acrescentou: «Por que razão é que Deus pede uma coisa destas a um rapaz da minha idade?». «Há perguntas às quais nem eu sei responder. É uma coisa misteriosa», respondeu o Papa. «Aquilo que me ajuda é olhar para Deus na Cruz». «Por que é que é misterioso?», insistiu o rapaz, paralisando com a sua pergunta o Papa que ia afastar-se. Francisco deteve-se e respondeu pondo um dedo na cabeça: «Com a cabeça nunca vais perceber. Tens de olhar para Jesus na Cruz».<sup>65</sup> «Tu, nua raiz arrancada».<sup>66</sup> Somos nós que nos damos o coração da vida que vos pode dar esperança e toda a fecundidade? Não. O coração diz-lhes que no fundo da escuridão está a luz. Como o ladrão da esquerda, depois de uma vida provavelmente terrível, no fim, na cruz, encontra uma presença com a qual dialogar. Desejo que a vossa vida também possa consistir num diálogo contínuo com Cristo.

**Pigi Banna.** Podíamos ficar aqui “raciocinando com a cabeça”, como diria o Papa, complicando a vida e reduzindo a um raciocínio aquilo que preencheu o nosso coração nestes dias. Porém, colocar o coração diante da vida de um amigo, como foi ouvir este testemunho, mostrou-nos que não há nenhuma escuridão que, atravessada até o fundo (ou seja, não parando na droga que quer eliminar o sabor amargo), não permita ver uma luz no fundo, uma luz que muitos de vocês, como dizia o Albertino, testemunham só com a vossa atenção. Do fundo da escuridão entrevê-se uma luz, capaz de preencher o coração, de abraçar «a maçã toda com a casca» e de não censurar nada de nós. Esta é a experiência da ressurreição.

Os Evangelhos não poupam nada: estavam tristes, desiludidos e vão até ao fundo da desilusão de tê-lo visto morrer. «Algumas mulheres dizem que ressuscitou. Mas nós não acreditamos nas mulheres». Mas encontram alguém, indo até o fundo na escuridão da desilusão, que é capaz – como eles dizem – de fazer o coração deles arder, de abraçá-los com a casca toda, tanto que lhe dizem: «Fica aqui. Não te vás embora». Há encontros que acontecem na vida, nos quais se aproxima de nós um rosto conhecido, podemos até descrever todos os defeitos,

---

<sup>65</sup> Cf. G. Vittadini, «Il venerdì santo, la vittoria degli sconfitti», *ilsussidiario.net*, 14 de abril de 2017.

<sup>66</sup> «Tu, nuda radice divelta», hino das Vésperas de sexta-feira, em *Il libro delle ore*, Jaca Book, Milão 2006, pp. 178-179.

mas em determinado momento percebemos que há um outro rosto, uma outra face que dá a cara por detrás daquela presença. Há um sinal pelo qual nos apercebemos disso: o coração arde; como aconteceu com aqueles discípulos de Jesus. Este é o grande sinal da verdade, da realidade, da contemporaneidade, da ressurreição de Cristo: o arder do coração, uma correspondência inédita.

O problema não é que tenhamos entendido tudo; ainda bem, porque nunca deixaremos de entender e de nos surpreender. Não resolvemos a nossa vida. O tédio continua, mas já não queremos separar-nos de alguém que despertou o nosso coração. Esta é a ressurreição: que tenhamos encontrado alguém assim.

Por isso, vamos levantar-nos e cantar *Cristo resusciti*, não como antes, que merecia uma nota de sete e meio, mas na palavra “Cristo”, na palavra “resusciti”, você deve fazer despontar todo o grito a alguém que vos tomou com a casca toda, no meio da escuridão. Não é o *Cristo resusciti* de um coro de vozes brancas, é o Cristo do malfetor que está na cruz e entra no Paraíso com Jesus. De pé.

*Cristo resusciti*

Queria agradecer-lhes pela forma como participaram nestes dias e desejar-lhes uma coisa para a Páscoa, falando da cidade onde vivo, Roma, ainda que não seja a minha cidade de origem. O ponto mais alto de Roma é o Monte Mario (é chamado monte, mas só tem 135 metros de altura) e de lá se vê Roma inteira. É um espectáculo incrível. Então o que é a Páscoa? É como se o vosso pai os levasse um dia, um sábado à tarde, de repente (vocês nunca estariam à espera) ao Monte Mario (naturalmente, no exemplo vocês são romanos) e tu dizes: «Olha, está ali a nossa casa, hoje vê-se perfeitamente», e ele continua: «Mas tu também vês as casas ao lado? O quarteirão todo? Dez casas?», «Sim, sim, claro, se já vejo a nossa casa». Nesse momento, o teu pai diz-te: «Hoje, que já tens dezasseis anos, posso contar-te. Nós somos os proprietários do quarteirão todo». “Ah!”. E continua: «Tudo isto um dia será teu!». E tu pensas: «Tenho a vida resolvida!». Então voltas para casa e, caminhando em silêncio pelo quarteirão, pensas: «Esta casa é minha». Vês um papel no chão e dizes: «Que falta de educação!» e pegas nele. Estás quase a deitar fora o cigarro, e dizes: «Não, espera, ali há um lixo». Depois vês uma janela partida, contas ao teu pai e ofereces-te para consertá-la. A quem faz a experiência da ressurreição, está prometido viver a realidade toda desta forma.

Eu estou feliz por terminarem estes dias do Tríduo, porque são para nós como o Monte Mario. Depois de termos visto o Vittadini, depois de termos ouvido tantos testemunhos, é como se lhes fosse dito: «Vejam que tudo é vosso!». Tudo lhes pertence. Tudo é de Cristo, e Cristo é de Deus.<sup>67</sup> Dá vontade de reencontrar o colega de classe que nos é antipático, de reencontrar a professora que é muito simpática porque ensina matemática; ouvem uma notícia e dizem: «Isto é meu». «Ah, mas aquele ali não me suporta, é complicado estar na mesma sala com ele»: isto também é teu. É só uma questão de tempo descobrir como é que Cristo vai encontrar o caminho para conquistar o teu coração. Mas nós só temos de fazer uma coisa: ir, ir ao encontro e pedir a Cristo que nos faça ver como é que vence ali.

Esta é a comoção de quem, como diz o Papa, vai ao encontro de toda a realidade, não levando Jesus, mas procurando-o, e descobre como ele vem ao seu encontro dos lugares mais inesperados. Esta é a força da ressurreição. Para ver como ele possui cada coisa. Começamos a ver, no meio de um mundo que realmente tem

---

<sup>67</sup> Cf. *1Cor* 3,22.

muitos problemas, até a folha amarela (como diz Giussani),<sup>68</sup> reconhecemos o pouco de verdade que está nas mãos de cada um, chegamos até a convidar o professor de matemática para os Liceus, mas não para fazer número, mas porque quero descobrir aquela verdade que há na sua vida.

Esta sala é o nosso Monte Mario, onde Cristo nos está a dizer: «Vês o que eu te fiz ver nestes dias? Esta é toda a vida. Esta é a toda a realidade. Vai e bate à porta até dos mais indiferentes», como fizeram os nossos amigos de Rímini, que apesar da sua idade, foram ajudar as vítimas do terramoto, e não porque eram bons, mas para descobrir como Cristo estava presente ali. Como fez o nosso amigo, que via uma escola cheia de drogados e era representante da instituição, então convidou os amigos da cooperativa “O imprevisto” e ficaram todos atentos, e no da seguinte, milagrosamente (um verdadeiro milagre!), no beco onde fumavam droga ninguém estava a fumar. Então ele, tendo de escolher entre o Tríduo e o passeio da escola, foi falar com o vice-diretor e disse-lhe: «Não, eu tenho de ir ao Tríduo porque, se sou assim, é por causa do Tríduo», e o vice-diretor disse-lhe: «Mas, pelo bem que tu és para esta escola, tu deves vir ao passeio. Nós pagamos-te o passeio». E como é que ele respondeu? Cheio de gratidão, vai ao passeio graças a uma recolha de fundos dos professores e convida o vice-diretor para o Tríduo. Já não temos nada a temer. Toda a realidade, até a nossa miséria, é para nós porque há Alguém que vence.

Voltamos para casa com o coração a arder e com muita vontade de ir, porque até nos sepulcros mais fechados está Cristo, batendo para sair. Com o coração a arder e a vontade de ir, despedimo-nos cantando o *Regina Coeli*, que é a oração da Igreja durante todo o tempo da ressurreição.

*Regina Coeli*

---

<sup>68</sup> Cf. “*Nunca vimos coisa igual!*”, cit., p. 73.